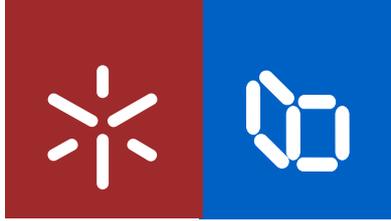




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yang Min

**A Cultura Chinesa na Dinastia Ming
à luz do *Tratado das Coisas da China*
(Évora, 1569-1570)**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yang Min

**A Cultura Chinesa na Dinastia Ming
à luz do *Tratado das Coisas da China*
(Évora, 1569-1570)**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos Interculturais
Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama
e da
Professora Doutora Sun Lam

Declaração

Nome: YANG MIN

Endereço Electrónico: kameluciana@gmail.com

Telemóvel: 00351-933244174

Número da Passaporte: G49391949

Título da dissertação: A Cultura Chinesa na Dinastia Ming
à luz do *Tratado das Coisas da China (Évora, 1569-1570)*

Orientadores: Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama e
Professora Doutora Sun Lam

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de Investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / /

Assinatura:

**Aos meus pais
que merecem este trabalho.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um sentido agradecimento ao Professor Doutor Manuel Gama e à Professora Doutora Sun Lam, pela orientação cuidadosa e responsável, pelas sugestões e comentários pertinentes, pelos conhecimentos que me transmitiram e também pela imensa simpatia e paciência.

Quero agradecer também à Diretora do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, Professora Doutora Sun Lam, pela oportunidade que me deu de fazer o mestrado na Universidade do Minho e pelo seu apoio, académico e pessoal.

A todos os docentes do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos.

Aos meus amigos portugueses, pelo apoio académico e pela ajuda ao nível da língua portuguesa. Aos meus amigos chineses, pela ajuda em todos os campos e pela sincera amizade. Aos meus colegas, chineses e portugueses, que estão sempre prontos para me ajudarem tanto a nível académico como pessoal.

Ao meu grande amigo Cui Tao, pelo encorajamento para enfrentar este desafio, pela sua grande ajuda, e por todo o carinho e simpatia.

Por último, aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional.

Resumo

Desde a dinastia Ming que a China e Portugal se relacionam profundamente.

O *Tratado das Coisas da China (1569-1570)*, de Frei Gaspar da Cruz, é uma obra histórica que relata detalhadamente o primeiro contacto entre os dois países, revelando todas as impressões do religioso sobre o Império Celestial, resultantes da sua estadia em Cantão: a situação do país, os costumes, a cultura e vários outros aspetos da sociedade chinesa.

A presente dissertação pretende analisar vários assuntos relatados pelo missionário português, nomeadamente o vestuário, a gastronomia, hábitos de residência, meios de transporte, entre outros sobre os quais a obra se debruça, e onde se encontram apenas alguns erros minúsculos, que reiteram a sua qualidade. Esta análise terá como referência comparativa a História oficial da dinastia Ming.

Esta investigação permitiu aprofundar o conhecimento pessoal da autora, chinesa, acerca da história de dinastia Ming e conhecer a impressão dos portugueses sobre os chineses naquela época. Pretende-se que, de igual modo, outros possam tirar proveito deste trabalho, sobretudo portugueses e chineses que pretendam refletir sobre a comunicação intercultural e a sua importância para um mundo tolerante.

Abstract

Since the Ming Dynasty, China and Portugal have maintained a good relationship.

The book, *Tratado das Coisas da China*, written by Frei Gaspar da Cruz, is the first historic document that records the earliest contact between the two nations, including what the missionary saw and experienced during his stay in Canton, and also the local conditions and customs and some other aspects of Chinese society.

In this thesis it is intended to analyze several aspects related to the Portuguese missionary, mainly the dress code, eating habits, living arrangements, means of transportation and many others focused in the book mentioned previously. Despite some minor errors, one may find this book to be very important, since it portrays its significance when compared to the official Ming dynasty documents.

This research allowed the author in question to deepen her knowledge on the Ming Dynasty and the Portuguese people's view of the Chinese during those times. It is also a goal that others may enjoy this research and gain new insight on the matter, especially those aiming to reflect on the intercultural communication and its importance to a more tolerant world.

摘要

中国和葡萄牙自明朝起，就有着密不可分的联系。

克鲁士的《中国志》是第一本详细记载中葡两国最早时期接触的葡文史料。它记录了传教士克鲁士在广州停留期间的所见所闻，对中国国家概况、风土人情以及其它各个方面做出了详细的记载。

本文主要对该史料中葡萄牙传教士关于明代衣、食、住、行与其他一些方面的记载做出分析，在指出该书一些细小的错误以外，肯定了这部文献在史实记录方面的真实性。本论文以明朝正史作为比较基准。

这项研究旨在加深身为中国学生的作者对明代历史以及对葡萄牙人眼中中国人形象的了解，并使得更多的读者通过本文对该领域获得新的认识，尤其适用于那些学习跨文化研究的葡萄牙人和中国人，引导他们思索跨文化交流对于共建宽容世界的重要作用。

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Apresentação Geral do Celeste Império e do <i>Tratado</i>	7
1.1 O Autor e o <i>Tratado das Coisas da China</i>	8
1.1.1 A vida do autor e o ambiente histórico.....	8
1.1.2 Introdução ao <i>Tratado</i>	10
1.2 A História da Dinastia Ming sob o Governo do Imperador Jiajing.....	11
1.2.1 Breve Introdução.....	11
1.2.2 Os assuntos históricos referidos no <i>Tratado</i>	13
1.3 A Influência que o Contexto do Celeste Império tem no <i>Tratado</i>	14
Capítulo II. Os Vestuários e os Usos no Celeste Império e a Situação Geral da Dinastia Ming	17
2.1 A Introdução sobre os Trajos e os Usos descritos no <i>Tratado</i>	18
2.1.1 Todos os Vestuários referidos no <i>Tratado</i>	18
2.2 Dos Trajos e seus Usos pelas Pessoas Comuns.....	19
2.2.1 Dos trajos e seus usos pelas mulheres.....	19
2.2.2 Dos trajos e seus usos pelos homens.....	20
2.3 Dos Trajos e seus Usos pelos mandarins.....	21
Capítulo III. A Gastronomia na China Referida no <i>Tratado</i> e a Situação Geral da Dinastia Ming	24
3.1 Breve Introdução à Cultura Gastronômica Chinesa e sua apresentação no <i>Tratado</i>	25
3.2 As Comidas referidas no <i>Tratado</i> à luz da História da China.....	27

3.3 Os Costumes Alimentares referidos no <i>Tratado</i>	31
3.3.1 Banquetes e Louças.....	31
Capítulo IV. Residências na Cidade e nos Arrabaldes Referidos no <i>Tratado</i> e a Situação Geral da Dinastia Ming.....	36
4.1 As Residências segundo o <i>Tratado</i> e outras fontes históricas.....	37
4.1.1 As casas dos mandarins.....	37
4.1.2 A residência do povo.....	40
4.2 As Casas nos Arrabaldes e a Governação Urbana segundo o <i>Tratado</i> e a Situação na História da China.....	42
Capítulo V. Os Meios de Transporte Segundo o <i>Tratado</i> e a Situação na Dinastia Ming.....	44
5.1 As Viagens no <i>Tratado</i>	45
5.2 Os Navios e as Embarcações referidos pelo Autor e a Situação na História da China.....	47
5.2.1 Os navios do quotidiano.....	47
5.2.2 Os navios militares.....	49
5.3 Os Transportes Terrestres.....	51
Capítulo VI. Outros aspetos mais interessantes referidos no <i>Tratado</i> e a realidade daquele tempo.....	54
6.1 As Prisões Segundo o <i>Tratado</i> e Segundo as Políticas reais.....	55
6.2 As Palavras Chinesas e Cantonesas que Surgem no <i>Tratado</i>	58
6.3 Outros Erros no <i>Tratado</i>	60
Capítulo VII. Dificuldades para a Pregação Religiosa no Celeste Império.....	62
7.1 Circunstâncias que condicionaram a Pregação Religiosa.....	63
7.2 Obstáculos à Pregação Religiosa na China.....	64

7.3 O Potencial Religioso dos Chineses.....	66
Conclusão.....	69
Bibliografia.....	74
Web Links.....	78

Introdução

As recentes relações diplomáticas entre a China e Portugal foram iniciadas a 2 de fevereiro de 1979, tendo os primeiros contactos oficiais sido dominados pela questão de Macau. Transferida a soberania daquele território para a República Popular da China, as relações bilaterais sino-portuguesas ganharam um novo fôlego em 2005, quando se assinou uma parceria estratégica global. No entanto, os primeiros contactos entre os dois países podem ser vistos em at é 1513, a época da dinastia Ming (明, *m íng*).¹

É possível investigar essa comunicação intercultural antiqu íssima, através do *Tratado das Coisas da China*, livro de Frei Gaspar da Cruz, que analisa profundamente a realidade chinesa do ponto de vista de um padre português, que viajou até à China numa missão religiosa. Ainda que o seu objetivo não se tenha concretizado, por variad íssimas barreiras pr áticas e culturais, os seus registos e impress ões que aparecem no *Tratado*, constituem um importante contributo para o estudo do interc âmbio cultural entre os dois países.

At é ao s éculo XVI, nenhuma obra seria exclusivamente dedicada a outra região asi ática, à exce ção de alguns manuscritos sobre as Molucas e o Jap ão. Entre os autores europeus que tomam a China como tema, Frei Gaspar da Cruz é um dos primeiros a utilizar o termo *chin ês* e também a descrever a cerim ónia da oferta como um ritual de hospitalidade, caracter ítico do Celeste Imp ério. De facto, nenhum dos relatos portugueses anteriores sobre a China se preocupava com este assunto, por escassez de informação ou simples desinteresse. “A obra de Fr. Gaspar da Cruz, como vemos, ultrapassa em quantidade e qualidade de informação todas as anteriores relações dedicadas à China por autores portugueses. O dominicano revela um conhecimento verdadeiramente assombroso da realidade chinesa, tanto mais surpreendente quando sabemos que apenas estanciou algumas semanas no litoral canton ês. O *Tratado*, mais do que o relato presencial de uma visita a Cant ão, apresenta-se como uma verdadeira enciclopédia dos conhecimentos portugueses a respeito do Celeste Imp ério.”²

¹ Cf. Informaç ões obtidas em https://en.wikipedia.org/wiki/China%E2%80%93Portugal_relations, consultado em 12 de fevereiro de 2016.

² Rui Manuel Loureiro, Introdu ção a Frei Gaspar da Cruz, *Tratado das Coisas da China*, Edi ções Cotovia, Lda., Lisboa, 1997, pp. 52.

Ou seja, o *Tratado* será certamente, uma das fontes mais preciosas e apropriadas para o estudo do diálogo intercultural entre os países em questão, não só devido ao seu conteúdo, com descrições detalhadas e um amplo leque de assuntos sobre o império, mas também devido ao seu valor histórico. O *Tratado* divide-se em 29 capítulos, cada capítulo abordando diferentes aspetos da sociedade Ming.

Na presente dissertação, debruçamo-nos principalmente sobre os tópicos mais gerais e cotidianos, nomeadamente vestuário, alimentação, residência, transportes, entre outros. Num primeiro capítulo, procuraremos contextualizar historicamente a época e a experiência do autor. Os seis capítulos seguintes analisam, de forma comparativa, os registos do autor e os dados históricos da dinastia Ming, especialmente acerca do regime de Jiajing (嘉靖, *jiājìng*), que coincide com a época da visita de Frei Gaspar da Cruz à China. Apesar da grande precisão da obra, existem alguns pequenos erros no *Tratado*, que merecerão uma análise breve no penúltimo capítulo. No capítulo final aborda-se o objetivo da viagem de apenas dois meses a Cantão, analisando as circunstâncias e os resultados da pregação do padre português.

A autenticidade e precisão do documento resultaram do entusiasmo, curiosidade e procura diligente do religioso em relação ao seu trabalho missionário e ao conhecimento sobre o cotidiano do celeste império: “investigando incansavelmente uma variada gama de assuntos, de modo a esclarecer devidamente as *cousas da China*”, ele “indaga por conta própria, aprofunda as questões, procura respostas, não se limitando a registar de uma forma impressionista os factos com que se depara.”³

O primeiro contacto pessoal com o *Tratado* aconteceu durante a aula de *Comunicação Intercultural*, lecionada pelo Professor Manuel Gama (agora também orientador da presente dissertação). No âmbito da história dos Descobrimentos, o docente referiu o *Tratado das Coisas da China*, afirmando ser um livro muito interessante, que aborda todos os aspetos do dia-a-dia da dinastia Ming. Após esta introdução à obra, requisitei-a e li-a, de uma assentada.

Como aluna do mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês* e enquanto estudante chinesa que estuda português, mais do que um mero interesse de

³ *Idem, Ibidem.*

âmbito hist órico, o tema afigurou-se-me como um v árido contributo para as rela ções amig áveis entre os dois pa íses. Ao longo dos talvez cinco mil anos, muitas dinastias se sucederam na hist ória da China. Contudo, a dinastia Ming deixou-me uma impress ão profunda desde a inf ância, quando visitei os 13 t úmulos dos imperadores Ming (entre os quais o de Jiajing), em Pequim. A obra devolveu-me uma imagem v ívida dos imperadores desta dinastia. Para al ém disso, consultar o registo da primeira comunica ção entre os dois pa íses e o primeiro olhar dos portugueses sobre o Celeste Imp ério é uma oportunidade de investiga ção inestim ável.

Li muitas vezes o *Tratado* e, a cada leitura, me surpreendi com a energia e esfor ço colocados nesta obra, com a observa ção subtil e curiosidade do autor acerca do cotidiano do povo chin ês, motivado pela sua miss ão de difundir a fé cat ólica no território. Como já referido, o seu objetivo n ão foi concretizado, mas da experi ência resultou esta obra-prima, um instrumento valioso para o estudo da rela ção hist órica entre os dois pa íses. O compilador apresenta-a da seguinte forma: “O *Tratado*, com efeito, n ão parece ser um texto apressadamente redigido para os prelos, mas ostenta antes caracter ísticas de uma obra meticulosamente preparada. As not ícias da China s ão organizadas em conjuntos coerentes, muito bem estruturados, que abrangem, por assim dizer, a totalidade dos conhecimentos portugueses sobre aquele imp ério asi ático. O próprio autor expõe, na abertura da sua obra, a ordem que presidiu à reda ção”.⁴

Dado o meu interesse pessoal em rela ção à Hist ória, considerava o meu conhecimento sobre a dinastia Ming abundante, contudo, o *Tratado* deu-me a conhecer muitos fen ómenos e costumes interessantes dos quais n ão ouvira falar ainda, que n ão s ão mencionados em livros de Hist ória da China, no meu pa ís. Ainda que alguns pormenores n ão possam ser consultados ou confirmados em fontes chinesas, considero-os cred íveis, na medida em que alguns ainda acontecem atualmente. Por exemplo, no cap ítulo XII, *Da fartura da terra e de sua abund ância*, o autor descreve uma situa ção de venda de carnes: “Toda a carne se vende a peso viva, tirando a vaca e búfala e o porco que comumente se vende aos arr áeis, salvo se o compram inteiro, que ent ão inteiro se há-de pesar; e para que pesem muito, primeiro os fartam de comer e de beber.

⁴ *Idem, Ibidem*, p. 22.

As galinhas, para que pesem mais, também as fartam de água e enchem-lhe[s] os papos d'areia e doutras coisas. O arrátel da galinha, pato, adem e rãs, tudo vale por um preço.”⁵

Esta descrição é muito atual pois, hoje em dia, os vendedores procedem assim quando vendem galinhas, apesar de não ser possível determinar a origem desta prática, que poderá ser ainda anterior à época da dinastia Ming.

Detalhes deste tipo não foram registados como informação histórica por duas ordens de razões. Em primeiro lugar, geralmente os livros que registam os acontecimentos históricos são "sérios", ocupando-se quase exclusivamente de grandes temáticas e acontecimentos, que resultaram em alguma transição de dinastia, por exemplo, não havendo lugar para pormenores. Os escritores contemporâneos ocuparam-se portanto de investigar dados sempre relacionados com o destino do país, ignorando este tipo de coisas banais.

O segundo motivo reside no facto da história oficial de cada dinastia ser registada por um funcionário que enaltecia o regime, pelo que era comum evitar assuntos obscuros ou insignificantes. Frei Gaspar da Cruz não era movido por qualquer objetivo político, registava apenas o que via e sentia e, sendo um estrangeiro, a sua observação era muito particular. Ele prestou atenção a aspetos diferentes ou especiais e a qualquer assunto que achou interessante, o que resultou num livro vivo, mais próximo do povo chinês em geral, com um conteúdo flexível e um valor histórico elevado no que respeita a documentar a vida popular na dinastia Ming.

De resto, a descrição do Celeste Império não resultou de uma mera coincidência. Segundo o *Tratado*, enquanto objetivo literário, a China reunia todas as vantagens. Isto porque “os portugueses frequentavam livremente o litoral chinês, sem concorrência de qualquer outra potência europeia. A supremacia lusa naqueles longínquos mares não parecia estar minimamente em causa.”

Mas o sucesso da obra dependeu também da busca do autor, da sua capacidade de recolha, tratamento e compilação das informações. No final, “a própria civilização chinesa, pelas suas características intrínsecas, impunha-se como um tema

⁵ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 156.

suficientemente exótico para despertar a atenção de potenciais leitores.”⁶

Reunidas as condições atrás descritas, nasceu aquela grande obra, que nos permite explorar os pontos mais interessantes das comunicações interculturais entre Portugal e a China.

⁶ Rui Manuel Loureiro, *Ob. Cit.*, p. 25.

Capítulo I

Apresentação Geral do
Celeste Império e do *Tratado*

1.1 O Autor e o *Tratado das Coisas da China*

Por que razão o autor escreveu este *Tratado*, relaciona-se isto com a identidade do próprio autor.

1.1.1 A vida do autor e do seu ambiente histórico

Frei Gaspar da Cruz nasceu em Évora em ano e data que não se consegue apurar, sabendo-se no entanto que foi admitido no convento da Ordem dos Pregadores, em Azeitão (próximo a Setúbal). Quando concluiu a sua formação religiosa e cultural, em 1548, foi integrado num grupo de nove frades que rumaram à Índia, sob a orientação de Frei Diogo Bermudez, com o objetivo de estabelecer uma missão dominicana no Oriente.

Durante seis anos, dedicou-se ao trabalho apostólico no Indostão, missionando primeiro em Goa, Chaul e Cochim, localidades onde a sua Ordem teve as primeiras residências naquela parte do globo. Nesse período, do qual pouco ficou registado, o nosso dominicano visitou ainda as grandes comunidades cristãs da ilha de Ceilão.

Em 1554, Frei Gaspar da Cruz chegou a Malaca, onde fundou uma casa da sua Ordem embarcando, no ano seguinte, num navio de mercadores com destino ao reino do Camboja. Perante uma persistente intransigência dos povos com quem contactou em relação à sua crença religiosa e confrontado com muitos impedimentos para entrar no Camboja dirigiu-se, em finais de 1556, para Lampacau (浪白竈, *làngbáizào*)⁷, uma pequena ilha na baía de Cantão, de onde chegavam notícias sobre a reabertura dos portos cantonenses ao tráfico estrangeiro. Em dezembro daquele ano, o missionário obteve autorização dos mandarins chineses para se dirigir à grande metrópole de Cantão, onde permaneceu um mês. Como o autor afirma no *Tratado*, parecia impossível os religiosos pregarem ali, pelo que retornaria a Malaca em 1557⁸.

⁷ A parte sul do Cantão.

⁸ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaspar_da_Cruz, consultado em 15 de dezembro de 2015.

Em abril ou maio de 1560, com o objetivo de criar uma residência da sua Ordem, Frei Gaspar partiu de Goa para Ormuz com outros confrades. Durante os três anos seguintes, o missionário residiu ali, abandonando Ormuz em 1563, com destino a parte incerta. Durante algum tempo perdeu-se o rasto deste frade pregador, sendo provável que tenha regressado a Portugal, pois sabe-se que em 1569 estava em Lisboa, a auxiliar as vítimas da peste que por então assolou a capital portuguesa. Uma vez debelada a enfermidade nesta cidade, terá regressado ao seu convento em Setúbal, onde acabou por contrair a doença, falecendo no dia 5 de fevereiro de 1570. Duas semanas depois o seu *Tratado das Coisas da China* era publicado, por André de Burgos, de Évora.

Apesar do ambiente pouco propício, o tempo passado no sul da China permitiu-lhe observar e recolher as informações necessárias para a preparação do *Tratado*. Embora se dedicasse por completo aos seus eventuais projetos de missão, o nosso dominicano parece ter aproveitado ao máximo a sua curta estadia em Cantão. Assim, percorreu exaustivamente toda a cidade, observando ruas, casas e templos, trocando impressões com gente oriunda de variados estratos sociais, frequentando as audiências dos mandarins, avaliando hábitos e costumes, documentando-se sobre práticas culturais e religiosas, enfim, recolhendo informações sobre os mais variados aspetos da realidade chinesa. E assim nasceu o *Tratado*⁹

De facto, o dominicano Frei Gaspar da Cruz não é um caso especial. Educado no contexto português do século XVI, foi exatamente o resultado histórico dos Descobrimentos. Os Descobrimentos constituem o conjunto de conquistas realizadas pelos portugueses, iniciadas com a conquista de Ceuta em África. A difusão da religião católica para oriente também é parte importante do propósito dos Descobrimentos.¹⁰ Talvez a experiência do nosso autor fosse já a última onda dum mar de história dos Descobrimentos, mas a obra-prima que daí resultou é extremamente importante. Isto porque foi o primeiro livro da autoria de um ocidental a dar uma visão global e

⁹ Informações obtidas em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1044>, consultado em 15 de dezembro de 2015.

¹⁰ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Descobrimentos_portugueses, consultado em 15 de dezembro de 2015.

detalhada da China. Sobre esta sociedade não esconde a admiração, sendo grande o seu contributo para a comunicação intercultural entre os dois países.

1.1.2 Introdução ao *Tratado*

O Tratado das Coisas da China não vem revelar uma realidade desconhecida; a sua novidade consiste na visão de conjunto de um ocidental, sobre todos os aspetos da vida na China, diretamente experimentada por Frei Gaspar da Cruz e que o marcaram de forma positiva, excluindo as questões ligadas à fé. O *Tratado* foi considerado o primeiro livro na Europa que se refere especificamente à China, porque em todo o século XVI, antes ou depois de 1569-1570, nenhuma obra impressa seria exclusivamente dedicada a qualquer outra região asiática, apesar de existirem consideráveis materiais manuscritos, nomeadamente sobre as Molucas e o Japão¹¹

Esta obra de Fr. Gaspar da Cruz ultrapassa, não só em quantidade mas também em qualidade de informação, todas as anteriores obras relacionadas com a China por autores portugueses. O autor registou um conhecimento verdadeiramente assombroso da realidade chinesa, tanto mais surpreendente quando sabemos que apenas se deteve algumas semanas no litoral cantonês. *O Tratado* é considerado como uma verdadeira enciclopédia no que diz respeito ao Celeste Império. O próprio autor disse que esta é uma "obra detalhada das coisas e seus característicos artigos chineses"¹². O conteúdo pode ser confirmado pela maioria dos registos históricos chineses.

No tempo em que ele chegou e esteve na China, na dinastia Ming, governava o imperador Jiajing. Ele viveu cerca de dois meses em Cantão, sendo o registo sobre a China muito autêntico e completo. Há mesmo historiadores que dizem que um mês de estadia de Cruz ultrapassa a estadia de Marco Polo na China durante dez anos. O

¹¹ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 24.

¹² Informações obtidas em http://blog.sina.com.cn/s/blog_5f055e4d0102uw9d.html, consultado em 1 de dezembro de 2015.

dominicano faz referência à Grande Muralha da China, ao chá, à pesca, à criação artificial de frangos, à impressão e aos hábitos dos pés das mulheres, etc., aspetos que Marco Polo não referiu. O *Tratado* é uma das principais referências bibliográficas usadas pelo missionário espanhol Juan González de Mendoza (c. 1540-1617), quando escreveu a afamada “Historia de las cosas más notables, ritos y costumbres del gran reyno de la China”.¹³

Sendo a primeira obra detalhada sobre os assuntos da China, o *Tratado* não ganhou uma reputação equivalente ao seu valor por causa da morte do autor e o pânico social causado pelo surto de peste de 1569-1570. O *Tratado das Coisas da China* não surge de modo surpreendente e inesperado na cultura portuguesa do século XVI igualmente por causa da dificuldade de publicação. É provável que a inexistência de reedições quinhentistas ou seiscentistas da obra se ficasse a dever à rápida desatualização do respetivo conteúdo. De fato, o *Tratado*, logo depois de 1583, seria rapidamente ultrapassado, em volume e rigor de conhecimentos, pelas notícias remetidas para a Europa pelos missionários jesuítas, que finalmente haviam conseguido entrada no misterioso Império do Meio.¹⁴

1.2 A história da dinastia Ming sob o governo do imperador Jiajing

O ambiente histórico da dinastia Ming em que o autor vivia influenciou muito o conteúdo do *Tratado* em todos os aspetos.

1.2.1 Breve introdução

A dinastia Ming ou império do Grande Ming (1368-1644), período em que foi escrito o *Tratado*, é a última dinastia unificada estabelecida pela etnia Han (o principal grupo étnico da China) na história do país. No período Ming, que se prolongou por 276

¹³ Informações obtidas em <http://blog.udn.com/amlink/25976072>, consultado em 15 de dezembro de 2015.

¹⁴ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, pp. 53-54.

anos, o país passou por 13 regimes com 16 imperadores, até que rebeliões lideradas por rebeldes como Li Zicheng (李自成, *lǐ zìchéng*), culminaram na substituição desta dinastia pela Qing (清, *qīng*), sob a liderança da etnia Manchu. Embora a capital de Ming, Pequim, tenha sucumbido em 1644, descendentes do trono e do poder Ming (coletivamente denominado "Ming Meridional") sobreviveram até 1662, em (台湾, *táiwān*).

No início desta dinastia, o território controlado pelos Ming era vasto: estendia-se até ao Mar do Japão, a nordeste até às montanhas de Stanovoy Gama, sendo limitado até à Bacia do Rio Liao; a norte, estendia-se até o deserto Gobi de um lado e até à Grande Muralha da dinastia Ming do outro; a noroeste, ia até à Baía de Bengala. Depois, a fronteira recuou até à atual província de Yunnan (云南, *yúnnán*) (atualmente uma província sudoeste da China), estabelecendo-se a Guarda de *Jimina* na região do Tibete, tendo o imperador recuperado ainda *Annan* (hoje conhecido como Vietname). No auge da dinastia Ming, o território atinge a cerca de dez milhões de quilómetros quadrados, maior do que a área atual da China (aproximadamente 9,6 milhões de quilómetros quadrados).^{15 16}

O artesanato e a economia mercantil da dinastia Ming tornaram-se particularmente prósperos, conduzindo à emergência da cidade comercial e lançando as sementes do capitalismo. Até ao século XVI, a economia Ming foi estimulada pelo comércio marítimo com os portugueses, espanhóis e holandeses e, entre os séculos XVI e XVII, a China foi um dos países mais prósperos do mundo. No entanto, o polígono do banimento marítimo (海禁政策, *hǎijìn zhèngcè*)¹⁷ prosseguida desde o início pela dinastia Ming teve graves repercussões económicas.

¹⁵ Informações obtidas em http://baike.baidu.com/link?url=ixP1Ta3MNsHfE1IEk471kl7w5O600kayAiepaW9SWPvzxUDroEbwCFT4LVbfysIY9tYhLN1gg4i9MoFj27InxDIxS4VW4ETgYxGJtRcNp_, consultado em 15 de dezembro de 2015.

¹⁶ A área da China atual é de aproximadamente 9,6 milhões de quilómetros quadradas.

¹⁷ Haijin (海禁, *hǎijìn*, literalmente 'banimento marítimo') foi o evento histórico da ordem de banir atividades marítimas, imposta durante o período da China Ming, e repetida no período da dinastia Qing. Como intenção de frear a pirataria, a ordem se provou inefetiva para o propósito. Em vez disso, ela impôs grandes dificuldades a comunidades de zonas costeiras da nação e legitimou o comércio marítimo.

Revogada a proibição de comércio com o exterior (1567), registou-se uma breve retoma, mas a economia viria a sofrer um novo golpe face à enorme perda de prata no comércio exterior a somar aos graves prejuízos agrícolas, derivados da queda da temperatura média no século XVIII, de várias calamidades naturais e epidemias frequentes e, conseqüentemente, das más colheitas. A conseqüente fragmentação do poder e diminuição do padrão de vida dos cidadãos permitiu que líderes rebeldes como Li Zicheng desafiassem a autoridade dos imperadores Ming.¹⁸

O *Registo dos Ming*, o pico populacional culminou nos 63,65 milhões, mas a maioria dos especialistas acreditam que o real número da população chegaria aos cem milhões. Alguns desses investigadores estima até que a população da dinastia Ming chegasse quase aos duzentos milhões de pessoas. Em suma, a dinastia Ming foi a terceira grande dinastia a registar uma estabilidade a longo prazo, seguida das dinastias Han (汉朝, *hàncháo*) e Tang(唐朝, *tángcháo*) (que unificou a Planície Central).¹⁹

O imperador Jiajing (1507 - 1567) foi o 11º imperador da dinastia Ming, que governou de 1521 a 1567. Chamava-se Zhu Houcong (朱厚熜, *zhū hòucōng*), e foi primo do ex-imperador Zhengde. Seu pai, Zhu Youyuan (朱祐杭, *zhu youyuan*)(1476-1519), era o quarto filho do Imperador Chenghua (成化, *chéghuà*)(1465-1487) e o filho mais velho de três filhos nascidos da concubina Jiang do imperador (蒋氏, *jiǎngshì*). O nome do reinado do Imperador Jiajing, significa "tranquilidade admirável".

1.2.2 Os assuntos históricos referidos no *Tratado*

O *Tratado* remonta à época da dinastia Ming, no final da qual se lidou com uma grave recessão econômica e crise agrícola na China. Durante o reinado de Jiajing, ocorreram igualmente várias calamidades naturais. O *Tratado* faz-lhes referência, no capítulo XXIX (o último) "De alguns castigos de Deus que os chineses receberam no ano de [mil quinhentos] e cinquenta e seis". Ali, Frei Gaspar defende que estas catástrofes

¹⁸ Informações obtidas em <http://economy.guoxue.com/?p=7414>, consultado em 15 de dezembro de 2015.

¹⁹ Informações obtidas em <http://bbs.news.163.com/bbs/history/120816809.html>, consultado em 15 de dezembro de 2015.

eram consequência da existência de homossexualidade na China. Deus teria, em resultado de tal grave pecado, trazido um pesado castigo a toda a nação. De acordo com o autor, o grande tufão que ocorreu em *Kiangxi* e *Shantung*, terá sido o mesmo vento que causou uma série de calamidades na China, por ação de Deus, relacionando-o, por exemplo, com o terramoto de “Wei-nan-hsien” (渭南市, *wèi nán shì*).²⁰

Não há certeza do ano concreto da destruição pelo tufão conforme referência do autor. Mas segundo a história, com certeza que aconteceu um grande tufão na China.

O terramoto de “Wei-nan-hsien” foi igualmente um acontecimento real, do qual ainda se ouve falar na localidade de “Wei-nan-hsien”, que pertence à minha província. Fontes históricas apontam que o sismo de Shaanxi (陝西, *shǎnxī*) ou sismo do Condado de Hua (华县大地震, *huá xiàn dà dì zhèn*) tenha sido o sismo mais mortífero da história recente chinesa, causando a morte de, aproximadamente, 830 mil pessoas. Ocorreu na manhã do dia 23 de janeiro de 1556, em Shaanxi, na China. Mais de 97 condados nas províncias de Shaanxi, Shanxi (山西, *shānxī*), Henan (河南, *hénán*), Gansu (甘肃, *gānsù*), Hebei (河北, *héběi*), Shandong (山东, *shāndōng*), Hubei (湖北, *húběi*), Hunan (湖南, *húnán*), Jiangsu (江苏, *jiāngsū*) e Anhui (安徽, *ānhuī*) foram afetadas: uma área superior a 1300 km² foi destruída e, em alguns condados, morreu 60% da população. Até esse momento, a população vivia em cavernas artificiais nos penhascos de Loess, que caíram durante o desastre. Terá o vento referido pelo padre sido uma reação em cadeia do sismo? Resta-nos apenas conjecturas.²¹

1.3 A influência que o contexto do Celeste Império tem no *Tratado*

Podemos analisar as circunstâncias da sociedade chinesa refletidas no *Tratado* em quatro aspetos distintos.

A primeira parte diz respeito à chegada de Frei Gaspar da Cruz, em finais de 1556, dirigindo-se para Lampacau, uma pequena ilha na baía de Cantão, de onde

²⁰ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*; p.264.

²¹ Informações obtidas em www.todayonhistory.com/1/23/JiaJingDaDiZhen.html, consultado a 17 de dezembro de 2015.

chegavam notícias sobre a reabertura dos portos ao exterior. Este facto relaciona-se com a política de Jiaping em relação aos portos do país. Nas dinastias anteriores, Song (宋朝, *sòngcháo*) (igualmente estabelecida pela etnia Han) e Yuan (元朝, *yuáncháo*) apoiou o comércio exterior, oferecendo mesmo incentivos aos empresários estrangeiros. Assim, o comércio externo registou um pico sem precedentes, durante este período. Mas a dinastia Ming alterou este estado de coisas, logo que chegou ao poder, levando a um isolamento crescente. Cantão tornou-se o único porto aberto à maioria dos países estrangeiros tornando-se por isso, novamente, o maior do país (tal como tinha acontecido durante a dinastia Song, sendo depois superado pelo porto de Quanzhou (泉州, *quánzhōu*)).

O nosso dominicano chegou a Cantão neste contexto, como bem reflete o conteúdo do *Tratado*: todas as suas descrições estão relacionadas com o quotidiano de Cantão.

Na segunda parte da obra existe muita informação sobre os chefes ou os trabalhadores públicos, a quem designa de mandarins: faz-se referência ao modo de vida, aos rituais e às cortesias deste grupo profissional, pelo qual o autor não disfarçou a sua admiração. Ele procura mostrar a perfeição dos organismos oficiais, declarando ser muito evidente o respeito do povo pelos mandarins²², o que se refletiu negativamente na sua missão prosaíta.

O terceiro grande tema, ainda hoje sentido na cultura chinesa, diz respeito ao preconceito para com gente ociosa: “a gente ociosa nesta terra é muito aborrecida e muito odiosa ao demais, e quem dê esmola a pobre”.²³ Igualmente no *Tratado*, Gaspar da Cruz destaca que muito raramente se veem pedintes nas ruas, porque cada pessoa tem algum tipo de ocupação, até mesmo portadores de deficiência têm um papel social evidente: os entevados, aleijados ou cegos têm tarefas, sustentando-se ao invés de causarem grandes encargos à comunidade. Sendo o autor um missionário e padre, o seu cargo não é reconhecido pelos chineses, o que se reflete na sua mensagem de difusão

²² Os regedores na dinastia Ming. informações obtidas em http://baike.baidu.com/link?url=G_hW7K8PJPV5brCFgdKIo7XpWJVbCdMkjKitaQJ84bBtg11KryJtCE9tQuIvLh-SE_KqsXuK7SaXuYVZuMhCVK, consultado em 17 de dezembro de 2015.

²³ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 141.

do catolicismo.

O último grande tema está relacionado com a questão da linguagem chinesa. Com uma longa história e 56 etnias, a situação linguística na China é complexa pois muitas destas etnias têm a sua língua própria e algumas têm mais que uma. Os especialistas apontam a existência de 129 tipos de língua na China, 12 delas em uso e as restantes 117 em perigo de desaparecimento.²⁴

Durante a dinastia Ming, existiam já muitas línguas e dialetos regionais. Em Cantão, a língua mais usada é o cantonês, pelo que o *Tratado* inclui muitas palavras cantonesas para referir nomes chineses específicos. Se o missionário português chegou ao território sem a menor noção de chinês, rapidamente aprendeu os rudimentos da língua chinesa, provavelmente cantonês, devido à sua curiosidade excepcional, utilizando estes conhecimentos na sua obra. Contudo, na altura, a língua oficial da dinastia era a atual língua de Nanquim, muito distinta do cantonês. Assim, a sua curta estadia não permitiu dominar quer o cantonês, quer a língua oficial, o que dificultou a sua comunicação com os funcionários públicos chineses, junto de quem terá tentado obter licença para ficar na China com o objetivo de divulgar a religião católica.

²⁴ Informações obtidas em <http://culture.people.com.cn/GB/87423/6792706.html>, consultado em 17 de dezembro de 2015.

Capítulo II

O vestuário e os seus usos no Celeste Império
e a situação Geral da dinastia Ming

2.1 A introdução sobre os trajes e os usos descritos no *Tratado*

O autor faz uma descrição sobre os vestuários e os usos da dinastia Ming no *Tratado*. Não só das pessoas comuns, mas também dos regedores. Ainda divide-se diferentes capítulos sobre os trajes e os usos das mulheres e dos homens.

2.1.1 Todos os vestuários referidos no *Tratado*

O autor faz uma descrição pormenorizada dos trajes chineses na obra em anátese. Descreve todos os aspetos do vestuário das pessoas, da roupa aos sapatos, incluindo o peculiar gosto estético da época no que diz respeito aos pés femininos. No capítulo XIII, o *Tratado* refere os pelotes²⁵ normais e os pelotes de seda. Para além disso, compara o vestuário do quotidiano, o dos regedores e os trajes específicos para as diferentes ocasiões - o barrete feito de seda, os sapatos, as botas, etc.. Evidentemente, os trajes, bem como os acessórios, distinguem ricos e pobres.

O português demonstra também uma grande curiosidade acerca dos cortes de cabelo masculinos porque, na época, os chineses usavam os cabelos compridos como as mulheres. Igualmente interessante seria a possibilidade de distinguir os casados dos solteiros, através do corte de cabelo. O penteado dos sacerdotes (referindo-se aos monges do taoísmo) também era distinto do dos restantes homens. O costume dos ricos manterem as unhas compridas mereceu igualmente um comentário.

O capítulo seguinte debruça-se sobre os trajes femininos e os penteados galantes das senhoras, descrevendo as saias e os vestidos, os cintos e outros acessórios, bem como os pés minúsculos alcançados por meio do uso de panos apertados, que impediam o crescimento. O autor conta que as mulheres raramente saíam à rua e, quando o faziam, não eram vistas, sendo resguardadas por “cadeiras fechadas” (轿子, *jiàozǐ*), às quais o autor dá alguma ênfase.

²⁵ Espécie de casaco sem mangas, que se vestia sobre o gibão.

Num outro capítulo, fala sobre os trabalhadores especializados e os mercadores, referindo também algumas características dos sapatos dos mesmos, revelando as diferenças entre as botas e sapatos dos ricos e os das restantes classes.

Nestes três capítulos que falam sobre os trajes, o nosso autor também em alguma atenção aos costumes e a forma de vestir dos mandarins. Sobre este conteúdo, os comentários espalham-se em muitos capítulos do *Tratado*, assunto que merecerá a nossa atenção adiante.

2.2 Dos trajes e seus usos pelas pessoas comuns

A descrição sobre trajes e seus usos pelas pessoas comuns ainda se divide conforme o sexo, os pelas mulheres e pelos homens.

2.2.1 Dos trajes e seus usos pelas mulheres

A certa altura, Frei Gaspar considera que os chineses são feios, mas afirma existirem pessoas com aparência muito elegante. No início do capítulo descreve sobretudo as mulheres, dizendo que algumas possuíam “os narizes e os olhos bem-feitos”²⁶, elogio que realçaria a beleza destas mulheres.

Sobre os penteados femininos, o autor descreve-os com rigor. No *Tratado* diz: “Trazem os cabelos muito bem assentados, e a fita ornada com joias e peças de ouro em roda.”²⁷ Esta descrição é muito rigorosa, de acordo com a história oficial da dinastia Ming.

De acordo com o livro *Golden Lotus*, reconhecido como uma obra escrita durante o reinado do imperador Jiajing²⁸, os penteados mais populares seguiam um de três estilos: carrapito, carrapito de nuvem ou carrapito de coroa. As mulheres casadas usavam obrigatoriamente um carrapito, este simbolizava a identidade de uma mulher casada. As meninas usavam sobretudo o carrapito de nuvem, um tipo de enfeite especial para a cabeça.

²⁶ Frei Gaspar da Cruz *Ob. Cit.*, p. 173.

²⁷ *Idem, Ibidem.*

²⁸ Informações obtidas em <http://page.renren.com/600940121/channel-noteshow-871414470>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

Os materiais dos carrapitos remetiam para diferentes estratos sociais; uma mulher comum usaria um carrapito feito a partir dos seus próprios cabelos, as mulheres abastadas usariam carrapitos de fios de prata, mais comuns, ou mesmo de fios de ouro. Para as ocasiões mais importantes e felizes, inseriam joias nos carrapitos denominando-se "craniofacial" (头面, *tóumi àn*). Um tipo de carrapito com nível mais elevado, chamado coroa, era um privilégio reservado às esposas dos oficiais mais destacados (nesta época, na China, existia o fenómeno do concubinato).

Sobre o vestido das mulheres, o *Tratado* declara que usavam “saías compridas ao modo das portuguesas, as quais têm a cintura da mesma maneira que elas, trazem saiiinhos (espécie de gibão sem asas de mangas largas)”²⁹, descrição totalmente rigorosa. Segundo a história da dinastia Ming, o vestido das mulheres era sempre muito solto. Às vezes, elas vestiam saías grandes com uma bainha em forma de corneta, sendo que a bainha das mangas apresentava também esta forma. Isso fazia com que a abertura das pessoas ficasse mais larga na base e mais estreita em cima. A forma de todo o traje assemelhava-se a uma pirâmide, sendo o topo da pirâmide a ponta do carrapito. Constatamos que a descrição do autor aponta os estilos de carrapito, os trajes e os usos das mulheres chinesas da alta sociedade.³⁰

2.2.2 Dos trajes e seus usos pelos homens

Durante o reinado de Jiaping, existiam diferentes vestuários masculinos de acordo com as distintas classes sociais. De uma maneira geral, o traje apresentava um grande colarinho, mangas largas, bainhas compridas até aos joelhos, atando-se na ilhargá com a direita em cima. As roupas dos homens da classe alta eram feitas de tecidos à base de seda, com padrões pintados ou brocado. Pode confirmar-se esta descrição no seguinte excerto: “Seu traje comum é pelotes de pregas compridos; dão volta por cima do peito, atando-se na ilhargá, mangas muito largas. Trazem comumente pelotes pretos de

²⁹ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 173.

³⁰ Informações obtidas em <http://tieba.baidu.com/p/559137520>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

linho ou de sarja fina ou grossa de diversas cores; alguns trazem pelotes de seda”.³¹

A descrição do penteado dos homens é igualmente real. Historicamente, os homens casados usavam Wangjin (网巾, *wǎngjīn*), uma espécie de faixa de cabeça tradicional usada por homens adultos na dinastia Ming, que segura o cabelo após o topete estar feito. Geralmente a Wangjin é feita de crin, tecido e tingida, ou de fios finos pretos e é vista como um símbolo de maioridade. Normalmente, o Wangjin era coberto por um tipo de barrete (官帽, *guānmào*) embora pudesse ser exposto diretamente. Aqui há um erro no *Tratado*, pois o autor afirma que este penteado é o símbolo de casado, contudo, na realidade, queria dizer que o indivíduo atingira a idade adulta. Aparte este detalhe, todo o conteúdo registado no *Tratado* é verdadeiro.³²

Frei Gaspar chama os monges budistas e taoistas de sacerdotes. Os monges do taoísmo não cortam o cabelo, o que motivou um comentário engraçado: “porque não há mister ajuda que os leve ao céu”³³. Por outro lado, ainda hoje os monges budistas rapam o cabelo na China, por três grandes motivos. Em primeiro lugar, de acordo com a filosofia budista, os cabelos representam inúmeros problemas e hábitos errados, logo, cortar o cabelo é equivalente a remover um erro, diminuir os problemas e os maus hábitos. Em segundo lugar, a remoção do cabelo significa a inexistência de orgulho e permite a remoção de todas as preocupações do coração, necessários a uma atenta prática budista. Na antiga China, as pessoas davam grande importância ao cabelo, este devia ser protegido, não podia ser danificado, caso contrário, seria desrespeitoso para com os pais, como se de uma tentativa de se livrar dos requisitos de assistência à família budista se tratasse. Por último, a prática servia para distingui-los dos membros de outras seitas indianas, que proliferavam naquela época. Em suma, os monges rapavam a cabeça como símbolo da crença budista. Mais tarde, o ato de rapar o cabelo tornou-se uma cerimónia importante no budismo.³⁴

³¹ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 161.

³² Informações obtidas em <http://baike.baidu.com/view/564950.htm>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

³³ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 173.

³⁴ Informações obtidas em <http://foxue.baikē.com/article-20734.html>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

2.3 Dos trajos e seus usos pelos mandarins

No capítulo dedicado ao traje dos homens, o nosso autor também faz muitas descrições sobre o vestuário do regedor. Existiam vários trajes para os mandarins, mas o mais comum era caracterizado por um grande colar, gola oblíqua, mangas soltas e dois grupos de padrões bordados, no peito e nas costas. No ombro e logo abaixo da cintura, existiam também duas faixas bordadas. Ao redor das costelas existia outra faixa larga, bordada, chamada Bai (摆, bǎi).³⁵

No *Tratado*, o autor descreveu as roupas dos regedores da seguinte forma: “os regedores comumente vestem sarja fina, e nas festas usam sedas ricas, principalmente de carmesim, o qual na terra ninguém pode trazer senão eles sendo que a carmesim é um tipo de bordados”³⁶.

Relativamente aos sapatos dos regedores, neste período, os artesãos já tinham capacidade para produzi-los a partir de couro de veado, raposa, javali, camurça ou couro macio, na cidade de Wenzhou (温州, wēnzhōu). Durante o seu reinado, Jiajing ordenou que os sapatos feitos nestas regiões fossem usados como tributo. O registro no *Tratado* correspondente a estes factos históricos é o seguinte: “trazem botas ou sapatos segundo a curiosidade ou possibilidade de cada um, ou de seda ou de couro. No inverno trazem meias calças de feltro, ou grossas ou delgadas, mas o pano é feito de feltro”³⁷. Aqui o couro refere-se a todos os tipos supra citados.³⁸

O Tratado relata que, quando os regedores ou nobres visitavam os amigos, oferecia-se uma água morna a que chamavam chá³⁹. Isto corresponde a um costume muito popular durante o final da dinastia Ming (incluindo durante o reinado de Jiajing).

³⁵ Informações obtidas em <http://mingchao.baike.com/article-112264.html>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

³⁶ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 161.

³⁷ *Idem, Ibidem*, p. 162.

³⁸ Informações obtidas em https://books.google.pt/books?id=a_mDvio8I80C&pg=PA299&lpg=PA299&dq=%E6%98%8E%E6%9C%9D%E5%88%B6%E9%9E%8B&source=bl&ots=0vMNGy6fKx&sig=6HqdMw8D7RzuPir2OL5o08-3LPw&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjI0d6i_srKAhXD2BoKHVQzBRoQ6AEINjAD#v=onepage&q=%E6%98%8E%E6%9C%9D%E5%88%B6%E9%9E%8B&f=false, consultado em 24 de dezembro de 2015.

³⁹ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 164.

Naquela altura, por causa da ascensão da classe civil, a literatura popular desenvolveu-se e muitos estudiosos dedicaram-se à impressão de livros, como forma de ganhar a vida. Eles eram nobres, com uma situação financeira confortável e uma vida calma e, como passatempo, foram desenvolvendo ervas de chá com melhor qualidade, aperfeiçoando todo o ritual, da água para fazer o chá às louças, do ambiente para tomar o chá à felicidade sentida durante o processo. Este gosto afetou negativamente a sua ambição profissional, porventura deixaram de lutar por uma posição na corte, mas conduziu ao auge da cultura de chá tornando-se o chá uma moda cultural.

Os regedores, para mostrarem o seu bom gosto, ofereciam chá quando recebiam convidados. O uso do bule de areia roxa tornou-se bastante popular durante o governo de Jiajing, surgindo assim algumas obras de arte famosas sobre esta louça.⁴⁰

Além do ritual do chá os costumes gastronômicos nas casas dos regedores foram descritos no *Tratado*, assunto que analisaremos no próximo capítulo.

⁴⁰ Informações obtidas em <http://m.xmcdw.com/cwh/cdwh/128.html>, consultado em 24 de dezembro de 2015.

Capítulo III

A gastronomia chinesa referida no *Tratado* e a situação geral da dinastia Ming

3.1 Breve introdução à cultura gastronómica chinesa e sua apresentação no *Tratado*

Como bem se sabe, a China é uma das quatro grandes civilizações antigas, com uma vasta história de costumes e cultura alimentar. Durante milhares de anos de tradição, a conceção alimentar foi mais valorizada do que o próprio ato de comer. Na dinastia Ming, os chineses consideravam a alimentação como uma forma especial de comunicação emocional e interação cultural, prestando-lhe mais atenção do que atualmente.

A China era considerado um país de cerimónias e de rituais alimentares. A cerimónia alimentar do povo chinês era um sistema completo e extremamente organizado. Determinadas características antigas atravessaram gerações e ainda se mantêm nas tradições atuais.

De acordo com várias fontes históricas, o sistema alimentar formou-se durante a dinastia Zhou (周, *zhōu*) (770 a.C.-256 a.C.) e, deste então, o povo chinês melhorou vários costumes, sendo que os que funcionavam bem na antiguidade chegaram à sociedade contemporânea, influenciando e integrando-se nas regras comportamentais.⁴¹

Isso é bastante evidente na dinastia Ming, época em que a sociedade dinástica colapsou, começando a desenvolver-se um sistema autocrático que alcançou o seu auge e, ainda naquela época, caiu. No campo literário, surgiram muitos talentos e diferentes pensamentos, tornando esta numa das eras mais ricas, do ponto de vista intelectual. Esta tendência influenciou a teoria alimentar, resultando numa nova tradição, mais divertida, prontamente adotada pelas comunidades.

Na dinastia Ming, o comércio desenvolveu-se, estimulando assim o desejo das pessoas de vidas mais felizes comprando, entre outras mercadorias, alimentos. O povo

⁴¹ Cf. Xu Wenyuan 徐文苑, «Introdução à cultura alimentar chinesa» Pequim, p. 33.

considerava a gastronomia como uma diversão, uma forma de gozar a vida. Em resultado disso, desenvolveu-se um conjunto de normas terapêuticas alimentares, capazes de manterem a pessoa saudável, física e espiritualmente.

Durante dinastia Ming, mais especificamente no início do reinado de Jiajing, quando Frei Gaspar da Cruz estava na China, o contexto alimentar alterou-se.⁴²

Anteriormente, os padrões de consumo, os banquetes da corte e todos os outros setores da vida deviam seguir a regulamentação estrita do sistema cerimonial dinástico. Raramente aconteciam banquetes não conformes a este ritual.

Ainda no mesmo reinado registou-se uma mudança social, à medida que novas mercadorias chegavam ao país, abundantes e tentadoras. Desenvolveu-se assim uma comunidade caracterizada pelo consumo, rompendo o asfixiante conjunto de proibições que impunha um modo frugal e honesto, para levar a gastronomia para o polo oposto, do luxo e extravagância. Esta violação frontal ao sistema ritual espalhou-se a todos os setores da sociedade.⁴³

No *Tratado*, o autor dedica muito espaço à descrição da gastronomia e dos costumes chineses. No capítulo XII, relativamente à comida vendida, o missionário descreve bem a forma como os chineses obtinham os animais, a pesca e a criação de animais para a fins alimentares, as diferentes formas de cozinhar as carnes, as frutas existentes na China, as hortaliças, os frutos do mar, etc.

Noutro capítulo, debruça-se sobre os costumes de bandejas e as louças, especialmente nas cerimónias e nas festas dos mandarins. Frei Gaspar terá assistido a um desses repastos, que descreve com grande número de detalhes, destacando-se a sua referência aos pauzinhos. “E logo estavam dois pauzinhos dourados muito galantes para comer com eles metidos entre os dedos; usam deles a modo de tenazes”⁴⁴. De facto, através dos muitos livros sobre a cultura alimentar chinesa, sabemos que a comensalidade ocupava um lugar muito importante na vida quotidiana, o cumprimento habitual entre amigos nesta época que, ainda permanece na zona de Pequim, seria: “já

⁴² Informações obtidas em <http://agri-history.ihns.ac.cn/scholars/liuzhiqin1.htm>, consultado em 2 de janeiro de 2016.

⁴³ Cf. Cao Wenzhu 曹文柱, Gong Shuduo 龚书铎, Zhu Hanguo 朱汉国, 《História Social da China》, Shanxi, p. 134.

⁴⁴ Cf. Frei Gaspar da Cruz, Ob. Cit., p. 165.

comeu? ”⁴⁵.

3.2 As comidas referidas no *Tratado* à luz da História da China

O *Tratado* dedica muito espaço à descrição das comidas, não só aos pratos, mas também aos legumes e frutas. Pormenorizemos as comidas referidas na obra.

No capítulo XII, o nosso missionário deparou-se com “muita fartura na terra, e muita abundância de todas as coisas necessárias para comer e para remediar a vida”⁴⁶. Ele observou que o principal mantimento era o arroz, mas os chineses consumiam também outros cereais, como o trigo, e também legumes e hortaliças variadas, como “nabos, rábãos, couves e todos os cheiros, alhos, cebolas”.⁴⁷ Não se esqueceu das mais deliciosas peças de fruta realçando, contudo, uma “fruta do tamanho de ameixas redondinhas ou pouco mais... Não há quem se farte dela, sempre deixa desejo de mais, ainda que comam muita, e nenhum dano faz”⁴⁸. Esta descrição corresponde à lichia (荔枝, *lìzhī*), que Fr. Gaspar afirma ser “muito singular e estremada fruta”⁴⁹.

Cantão apresenta características comuns às cidades do sul da China, onde o arroz é o principal alimento, típico dali. Durante a dinastia Ming registou-se um elevado desenvolvimento agrícola contudo, diferentes etapas de desenvolvimento, condições naturais, a geografia e os outros fatores locais, causaram desequilíbrios regionais e uma enorme diferença económica entre as etnias.⁵⁰ Ainda assim, podemos afirmar que a alimentação da dinastia Ming estava dividida em duas categorias: Han do norte e do sul.

Para as pessoas de etnia Han, sobretudo no norte, os legumes eram os protagonistas gastronómicos, as carnes desempenhavam um papel de suplemento e o alimento básico era a massa (feita de trigo). Ou seja, no norte, as pessoas comiam mais

⁴⁵ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 158.

⁴⁶ *Idem, Ibidem*, p. 155.

⁴⁷ *Idem, Ibidem*, p. 156.

⁴⁸ *Idem, Ibidem*.

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, p. 157.

⁵⁰ Informações obtidas em

http://wenku.baidu.com/link?url=4zPNGxFEFgQFqXfp1NqmxOGiXpIQ4UCSLUozfKPAjVwaEJiniFDBmi_UWA4qxpAtDhkjG12eiFHjOwbuvKdrf_SpdktRORrpAQxjCJ_OK, consultado em 2 de janeiro de 2016.

trigo, o que ainda hoje se verifica devido ao clima e ao tipo de solo. Por outro lado, os sulistas cozinhavam principalmente o arroz, pois os fatores geográficos e climáticos eram mais apropriados a este tipo de cultura agrícola.⁵¹

É interessante realçar também o que o autor afirma sobre a carne, que se vende a peso e viva. Os vendedores fartavam os animais de água e enchiam-lhes os papos de areia ou outras coisas para pesarem mais, aumentando assim o preço. Este costume ainda persiste na China atual, embora não se encontre o assunto mencionado em quaisquer fontes históricas. A menção de tal pormenor no *Tratado* revela o conhecimento profundo do autor sobre os costumes e os hábitos dos chineses locais.⁵²

Quando às frutas, no *Tratado* menciona-se um tipo de ameixa desconhecida entre os portugueses, com caroços compridos e ligeiramente mais estreitos nas pontas: trata-se de ameixas-japonesas que, apesar do nome, têm origem na China.⁵³ Estes frutos são do tamanho de uma maçã pequena, têm casca avermelhada e textura macia, variando do ácido ao doce, conforme seja comidos mais verdes ou mais maduros. São também usados para fins ornamentais, devido às suas belas flores. Atualmente é fácil encontrar praticamente todos os tipos das frutas num mercado local mas, naquele tempo, apenas a ameixa-europeia possuía caroços do género, na Europa.⁵⁴

Para além das ameixas, o autor também menciona as laranjas, afirmando existir um tipo de laranja com casca muito fina, que quase sabia a uvas, tão saborosa que até se comia a casca. Provavelmente referia-se ao cunquate, uma espécie de citrino da família Rutaceae, chamado *kinkan* em japonês e *kumquat* em espanhol. A fruta assemelha-se realmente à laranja (*Citrus sinensis*), mas é muito menor, aproximadamente do tamanho e com a forma de uma grande azeitona.⁵⁵

Frei Gaspar foi o primeiro autor a descrever a laranja chinesa na Europa. Sobre esta fruta saborosa, afirmou: “Não há quem se farte dela, sempre deixa desejo de mais, ainda que comam muita, e nenhum dano faz”⁵⁶. Este fruto, que raramente se vê nos

⁵¹ Cf. Zhang Xiaoyan 张晓燕, Sun Liang 孙亮, 《养生健身 yǎngshēng jiànshēn, Saúde e Ginástica》, Shandong, 2000, p. 124.

⁵² Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 156.

⁵³ *Idem, Ibidem*.

⁵⁴ Informações obtidas em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ameixeira>, consultado em 2 de janeiro de 2016.

⁵⁵ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Citrus_japonica, consultado em 2 de janeiro de 2016.

⁵⁶ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 156.

supermercados portugueses, são semelhantes a morangos, formando cachos. Possuem casca rugosa, de cor vermelha, fácil de retirar. A polpa é gelatinosa e translúcida, destacando-se facilmente do caroço, com um sabor que lembra a pitomba brasileira.⁵⁷

A saudação típica de Pequim - “já comeste?” - é igualmente referida pelo autor, pelo que seria comum em Cantão na dinastia Ming. Caso a resposta fosse negativa, o interlocutor levaria o amigo a uma estalagem, para ambos comerem e beberem. Se esta fosse afirmativa, levava-o a uma estalagem onde somente houvesse vinho e marisco.⁵⁸

Na dinastia Ming, até os imperadores davam extrema importância à comida. As refeições do imperador e da sua família seriam de um luxo extravagante, em conformidade com as disposições imperiais do início da dinastia; “comer” era uma manifestação cerimonial típica. As atividades relacionadas com a alimentação do imperador não só atendiam às necessidades físicas/nutricionais, mas também às necessidades culturais e sobretudo políticas, com o objetivo de mostrar a sua riqueza e poder. A organização da festa seguia uma estrita hierarquia dos seus participantes: não só a imperatriz e os seus parentes, mas também muitos funcionários superiores e cidadãos da classe dominante podiam estar presentes.⁵⁹

Os povos daquela dinastia possuem igualmente uma cultura alimentar própria, derivada de uma elevada capacidade de transformação da natureza, da abundância e da troca dos diferentes produtos locais, levando ao desenvolvimento de costumes e festividades distintos na base de um património material sólido, de âmbito regional.

O desenvolvimento das tradições alimentares passaram, primeiramente, pela criação de uma gastronomia local e refeições especiais. Em comparação com a geração anterior, os pratos diversificaram-se, tornando-se ainda mais coloridos e abundantes. Surgiram obras específicas sobre esta temática, como uma monografia que resume o desenvolvimento da cultura alimentar local, e também um grande número de especialistas em culinária.⁶⁰

⁵⁷ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 156.

⁵⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 158.

⁵⁹ Informações obtidas em

http://wenku.baidu.com/link?url=4zPNGxFEFgQFqXfp1NqmexOGiXp1Qq4UCSLUozfKPAjVwaEJiniFDBmi_UWAdqxpAtDhkJG12eiFHjOwbuvKdrf_SpdktRORrpAQxjCJ_OK, consultado em 2 de janeiro de 2016.

⁶⁰ Informações obtidas em http://www.360doc.com/content/15/0109/18/3966739_439469429.shtml, consultado em 2 de janeiro de 2016.

Já se referiu que o alimento básico dos chineses do norte era a massa, enquanto no sul as pessoas comiam principalmente arroz, mas todos bebiam chá e vinho de arroz. A refeição podia incluir ainda peixes, camarão, carne, frutas, legumes e frutos secos. Com a intensificação das trocas comerciais e a diminuição de barreiras geográficas, a gastronomia regional tornou-se mais variada. A importância do alimento na vida dos chineses, durante a dinastia Ming, manifestava-se em particular nas atividades folclóricas e nas festas, indissociáveis das tradições culinárias.

Na altura, as condições de vida das comunidades não permitiam ao cidadão comum desfrutar de uma dieta de elevada abundância e qualidade, pelo que era necessário poupar e reservar as melhores iguarias e bebidas para o Ano Novo. Em suma, os costumes gastronómicos locais eram reveladores das características locais das diferentes etnias.

O dia do Ano Novo Lunar marca o início do Festival da Primavera, tradição muito popular e antiga, bem como o maior festival tradicional da China. De acordo com a antiga tradição chinesa, todas as pessoas tinham que venerar a memória de seus antepassados. Durante a dinastia Ming, o costume manteve-se, por altura das celebrações de Ano Novo, com as tradições gastronómicas que lhe estão associadas, por exemplo, os bolos de arroz e os raviolis (que ainda hoje se comem).

Comer Bolinhas da Lua (元宵, *yuánxiāo*), é típico do Festival das Lanternas, que decorre entre o fim do inverno e o início da primavera, constituindo uma importante tradição culinária desta festividade. Come-se ainda vários tipos de yuanxiao, iguaria também conhecidos como *tangyuan* (汤圆, *tāngyuán*), como casulo de trigo (面茧, *mì ànjǐǎn*) na dinastia Tang ou simplesmente bolinhos (圆不落角, *yuánbùluòjiǎo*), no sul do país o prato é designado por *tangyuan* e no norte por *yuanxiao*.⁶¹

O *Tratado* inclui algumas descrições sobre estes dois grandes festivais. No capítulo XXVII *Dos ritos e adorações dos chineses*, o autor afirma que “o primeiro dia do ano, que é na lua nova de Março, fazem por toda a terra muito grandes festas, visitam-se uns aos outros, e andam os grandes principalmente em grandes banquetes”.⁶²

⁶¹ Cf. Xu Wenyuan 徐文苑, *Ob. Cit.*, p. 98.

⁶² Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 254.

Confirma-se que, nos grandes festivais há sempre comida em abundância, banquetes se lhes quisermos chamar assim. Referindo-se ao Festival das Lanternas, Frei Gaspar descreve os arcos da cidade, que as pessoas enfeitavam com lanternas e grandes panos de seda, para ficarem muito formosos e vistosos⁶³.

As saudações e as atividades culturais referidas demonstravam a importância da alimentação na dinastia Ming. De facto, a comida ainda desempenha um papel muito importante no quotidiano dos chineses, como se pode perceber pela forma de cumprimentar herdada. Atualmente, uma refeição ainda é uma ótima maneira de comunicação no âmbito negocial, familiar ou entre amigos mas, antigamente, dava-se ainda mais atenção às refeições.

3.3 Os costumes alimentares referidos no *Tratado*

No *Tratado* refere-se muitos costumes sobre a alimentação chinesa, por exemplo, os costumes nos banquetes.

3.3.1 Banquetes e louças

No capítulo XIII do *Tratado*, o nosso autor descreve muito bem os banquetes na China. Ele narrou que, quando uma pessoa chegava a casa de outra, o anfitrião oferecia-lhe chá antes do banquete: “Uma taça com uma água morna a que chamam chá, que é talvez vermelha e muito medicinal, que eles costumam beber feita de um cozimento de ervas que amarga”⁶⁴. Frei Gaspar foi um dos primeiros autores a reproduzir o nome exato deste chá. Sobre os pratos servidos nos banquetes, acrescentou: “comem a uma mesa peixe e carne, as iguarias que se têm-de comer a uma mesa todas juntas se põem à mesa, para que cada um coma do que mais lhe agrada”⁶⁵.

As chamadas, “viagens de tesouro” (郑和下西洋, *zhèng hē xià xī yáng*) de Zheng He (郑和, *zhèng hē*) (1371 - 1433) - sete viagens marítimas realizadas durante a dinastia

⁶³ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 123.

⁶⁴ *Idem, Ibidem*, p. 164.

⁶⁵ *Idem, Ibidem*.

Ming, entre 1405 e 1433 - para além de terem objetivos políticos, económicos e culturais, influenciaram a gastronomia, introduzindo na dieta chinesa alguns frutos do mar como o pepino do mar, usados na sopa de barbatana de tubarão ou no ninho de pássaro, por exemplo. Este tipo de alimentos começou a ser servido nos banquetes daquela dinastia, resultando em pratos requintados, que a classe social mais alta apreciou. Para além dos ingredientes, técnicas de confeção foram desenvolvidas nesta altura, diz-se que a técnica de cozinhar em casa atingiu mais de cem métodos de cozimento até à dinastia Ming. Tudo isto contribuiu para que a bandeja da dinastia Ming se tornasse mais colorida.⁶⁶

O autor assistiu ao banquete que um honrado e rico mercador organizou em Cantão, numa casa linda e muito organizada, onde as mesas foram postas com três toalhas. Cada convidado sentava-se numa cadeira dourada ou prateada; cada mesa tinha um frontal de damasco, que se estendia até ao chão [Ainda hoje, em alguns banquetes de casamento, a toalha de damasco é muito popular para decorar as mesas]. As mesas estavam primorosamente arranjadas e dispunham de vários frutos, nomeadamente castanhas assadas e nozes descascadas.

Após as frutas, foram servidas iguarias em finas taças de porcelana. As pessoas comiam com elegantes pauzinhos dourados, de forma tão asseada que não precisavam dos guardanapos. As bebidas eram colocadas em tacinhas de porcelana muito pequenas e igualmente douradas. Uma vez que era costume servir aguardente com um elevado teor de álcool, o tamanho evitaria que os convidados ficassem bêbedos rapidamente.⁶⁷

Frei Gaspar referiu, sobre esta ocasião, um fenómeno muito interessante: alguns chineses mantinham as unhas muito compridas, de meio palmo ou até um palmo, que traziam muito limpas e que substituíam os pauzinhos usados para comer.⁶⁸ Unhas assim simbolizariam riqueza, na medida em que demonstrava que tal indivíduo não necessitava de trabalhar: algumas pessoas procuravam apresentar-se com algum elemento diferenciador, que provasse que não pertenciam à classe trabalhadora mas a

⁶⁶ Informações obtidas em https://en.wikipedia.org/wiki/Treasure_voyages, consultado no dia 2 de janeiro de 16.

⁶⁷ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 164.

⁶⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 166.

uma classe superior.

A partir da dinastia Song, as mulheres adquiriram o popular hábito de enfaixar os pés, como sinal de que provinham de alguma família rica e, por isso, não precisavam trabalhar no campo. Como as mulheres Manchu(满, *mǎn*) não enfaixavam os pés, usavam unhas longas para mostrar a sua riqueza. Tanto homens como mulheres da dinastia Ming adotaram a moda das unhas compridas depois, na dinastia Qing, a etnia Manchu também adotou essa tendência.⁶⁹

Pinturas antigas provam que tanto os homens como as mulheres usavam, de facto, unhas compridas, mas as mulheres aristocráticas usavam-nas mais longas, especialmente na mão esquerda, no dedo anelar e no dedo mínimo. Estas necessitavam de ser protegidas e decoradas, como tal, surgiram as capas de unhas, semelhantes a um par de luvas. Atualmente tal costume é muito raro.

O *Tratado* volta a aludir às unhas compridas no capítulo XIV, quando o autor refere que os jovens tocavam vários instrumentos musicais chineses. Muitos desses instrumentos teriam cordas de fio de latão, que os executantes tocavam com as unhas mantidas grandes. O autor relatou também que se tocavam estes instrumentos durante os banquetes.⁷⁰

No que respeita às louças, existiam bandejas e cestos dourados, embora pudessem também ser prateados. As vasilhas de latão eram muito comuns e em grande quantidade, para além disso, usar-se-ia tachos, fogareiros e outras vasilhas de ferro fundido que, depois de partidos, se refundiam.

A louça de barro comum era usada em todo o território. Para além desta porcelana grossa, em grande quantidade, existia outra muito fina que não era de venda livre, porque só os regedores as podiam usar por ser vermelha, verde, dourada e amarela.

A porcelana de Jingdezhen (景德镇, *jǐngdézhèn*) ao longo da dinastia Ming, muito usada; produtos de porcelana dessa localidade vendiam-se nos principais mercados do país. Ainda hoje se considera a porcelana de Jingdezhen como a mais representativa da dinastia Ming, sendo a mais importante de cor azul e branca. A

⁶⁹ Informações obtidas em <https://www.zhihu.com/question/20206608>, consultado no dia 2 de janeiro de 16.

⁷⁰ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 169.

porcelana de Jingdezhen tornou-se particularmente importante a partir do período da dinastia Song com a produção de Azul Branca (青白瓷, *qīngbáicí*). O Azul Branca era um tipo de porcelana transparente que se assemelhava ao jade, com um esmalte azulado-branco, delicadamente esculpida ou decorada por incisões.⁷¹ Uma garrafa de porcelana de Azul Branca terá sido a peça de porcelana chinesa mais antiga documentada que chegou à Europa, em meados do século XIV: o vaso Fonthill.⁷²

Mais tarde, a cidade de Jingdezhen produziu porcelana de Shufu (枢府瓷, *shūfǔcǐ*), cujo caráter se encontra em algumas peças. Shufu significa que as peças deviam ser encomendadas pelo Shumi Yuan (枢密院, *shūmìyuàn*, Ministério da Defesa). Esta porcelana é um pouco opaca, tem esmalte de cor quase branca, com uma tonalidade azul-esverdeada muito tênue.

A porcelana constitui a principal espécie de louça chinesa, que evoluiu ao longo de milênios de história. Analise-se o seu desenvolvimento durante a dinastia Ming.

Com o desenvolvimento da economia mercantil, a produção de louça de porcelana conheceu uma prosperidade sem precedentes. Aproveitando o saber herdado dos antigos, foi-se aperfeiçoando a técnica até se alcançar um estilo artístico nacional muito particular, com esmalte de cor única. Surgiram novas variedades da cor vermelha, rubi, verde-esmeralda, amarelo brilhante, azul de pavão e as outras variedades novas. Quanto à porcelana de Azul Jesusfa (青花瓷, *qīnghuācǐ*), as variedades eram ainda mais numerosas pois, além do estilo da geração anterior, criaram as bacias em forma de coração de galinha, etc.⁷³

Além da porcelana, os pauzinhos também registaram grande desenvolvimento na dinastia Ming. De resto, os pauzinhos chineses mantiveram-se em constante evolução ao longo de milhares de anos, mas, nesta época, passaram a apresentar um lado superior quadrado e a parte inferior em círculo. Anteriormente, os pauzinhos de madeira, prata, bambu ou marfim eram sobretudo em forma cilíndrica, podendo também apresentar uma forma quadrada ou de seis prismas. Contudo, na dinastia Ming,

⁷¹ Informações obtidas em <http://www.baike.com/wiki/%E9%9D%92%E7%99%BD%E7%93%B7>, consultado no dia 2 de janeiro de 2016.

⁷² Informações obtidas em http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/10b_-_porcelana_chinesa_na_europa_e_sua_tecnologia.pdf, consultado no dia 2 de janeiro de 2016.

⁷³ Informações obtidas em https://en.wikipedia.org/wiki/Jingdezhen_ware, consultado no dia 2 de janeiro de 2016.

o caráter mais distintivo dos pauzinhos foi um lado superior quadrado e um inferior circular. Apesar das diferenças parecerem insignificantes, esta pequena reforma trouxe três vantagens: primeiro, a forma de cilindro rola, mas a forma quadrado não, o que torna os pauzinhos mais estáveis. Em segundo lugar, é mais fácil de segurar, e facilita quando se come massa. Por último, oferecem condições para os artesãos os esculpirem, evoluindo para uma produção mais requintada⁷⁴.

⁷⁴ Informações obtidas em <http://www.ltkzc.com/Newsread@ID=30.asp>, consultado no dia 2 de janeiro de 2016.

Capítulo IV

Residências na cidade e nos arrabaldes
referidos no *Tratado* e a situação geral da
dinastia Ming

4.1 As residências segundo o *Tratado* e outras fontes históricas

A residência da dinastia Ming, sendo um aspeto importante no conteúdo do *Tratado*, espalham-se em vários capítulos no *Tratado*.

4.1.1 As casas dos mandarins

O autor teve oportunidade de visitar muitas casas de regedores na cidade de Cantão, afirmando ter ouvido dizer que noutras cidades existiam muitas casas que excediam a nobreza de Cantão no que ao luxo das casas dos regedores dizia respeito. No *Tratado*, o padre refere dois tipos de casas de regedores, uma de Cantão e outra de “Cansi”.⁷⁵

As casas de Cantão apresentavam dois pátios muito largos e compridos, tinham muitas árvores de fruto plantadas e jardins, no meio dos quais ficavam os corredores.⁷⁶ Na arquitetura antiga da China, o corredor coberto era um pavilhão longo, usado para se passear protegido da chuva, enquanto se apreciava a paisagem como no desenrolar de um filme, podendo assumir também a função de ponte. O corredor mais comprido pode atualmente ser visto no Palácio do Verão, em Pequim, e tem 273 lanços ligados e 728 metros de comprimento.

“Entre jardins e corredores, espaços para passar a gente que tem negócio e para o mais serviço da casa”.⁷⁷ De facto, esta é uma forma de arquitetura muito comum no desenho dos jardins chineses. Estes Ting (亭, *tíng*) (que se podem traduzir como pavilhões) convidam o passeante a parar para descansar ou para se proteger de chuva

⁷⁵ Isto é Guilin, capital da província de Guangxi, Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 127.

⁷⁶ Cf. *Idem, Ibidem*.

⁷⁷ Cf. *Idem, Ibidem*.

súbita, ao mesmo tempo que apreciam a paisagem através da moldura formada entre dois pilares, a goteira e o corrimão. Os pavilhões podem ser triangulares, quadrados, pentagonais, hexagonais, octogonais, redondos, em forma de leque, etc. Geralmente, nos jardins das casas privadas, existem também mesinhas, daí a expressão “para passar a gente que tem negócio...”⁷⁸

“Têm dentro grandes hortas com seus tanques, nos quais têm muito peixe, não tanto para passatempo como para comer”⁷⁹. Sendo um elemento da arte do jardim tradicional da China, a existência da água é indispensável assumindo, geralmente, a forma de um lago ou tanque. O tanque e o jardim em si são passivos; é a água que lhes dá vida e alma. Assim, um lago artificial deve ter água corrente, com uma entrada e uma saída para manter a vivacidade do jardim. Se a superfície for grande, deve construir-se pontes e pequenas barragens, para preencherem o espaço vazio; se o lago for pequeno, planta-se um chorão inclinado sobre a água. Refira-se que nos jardins das casas dos regedores, o tanque substitui o lago.

Comparativamente, a casa dos regedores em Cansi era mais avantajada, em nobreza e formosura. Sobre as portas das casas destes mandarins, o autor afirmou: “têm por divisa as frontarias e portas vermelhas”.⁸⁰ De facto, antigamente, as portas das casas abastadas eram vermelhas, hábito que ainda hoje se mantém nas aldeias rurais, porque no Taoísmo o vermelho está associado à vida e à eternidade. Desde que o vermelho se tornou a cor oficial na China que é usado para decorar as paredes do Palácio Real, pelo que também os regedores e outras pessoas de posses pintavam muitas vezes os portões de vermelho. A maior parte do vermelho produzido naturalmente vem de cinabre extraído na China, daí o seu nome alternativo “vermelho China” ou “vermelho chinês.”

Sobre os quartos, o português escreveu: “há mil casas em que se aposentam os parentes d’el-rei, e são mui grandes e mui avantajadas em nobreza e formosura das casas dos regedores” (...) “Têm tão grande cerca como uma grande vila”⁸¹.

⁷⁸ Cf. *Idem, Ibidem*.

⁷⁹ *Idem, Ibidem*.

⁸⁰ *Idem, Ibidem*, p. 128.

⁸¹ *Idem, Ibidem*.

Podemos comprovar a quantidade e a grandeza dos quartos dos regedores desta dinastia através do exemplo de Yan Song (严嵩, *yán sōng*) (1480-1567), também conhecido como Jie Xi (介溪, *jiè xī*), um político chinês conhecido por ser corrupto e por dominar o governo Ming por duas décadas, durante o reinado do imperador Jiajing (na mesma época do nosso autor), quando assumiu o cargo de Grande Secretário. Quando o governo investigou as suas propriedades, verificou que tinha uma grande casa na província de Jiangxi, com três pisos. No centro do rés-do-chão ficava um salão de Bailu (白禄堂, *báilù táng*), a sala Esquerda Grande (左大祠堂, *zuǒdàcítáng*), e o escritório Direito Grande (右大书院, *yòudàshūyuàn*), num total de 58 quartos só neste piso térreo. No primeiro andar, ficava o salão grande central (中大厅, *zhōngdàtīng*), ladeado por duas salas (堂二座, *táng èrzuò*), e demais compartimentos, num total de 77 quartos. No segundo piso, chamado por Baohan (宝懋楼, *bǎohānlóu*), existia um salão e cinco salas, que faziam parte de um conjunto de 76 compartimentos. A casa possuía também um pavilhão com um grande jardim e um lago, outro pequeno jardim com um pavilhão requintado e um pavilhão pequeno com pomar e jardim.⁸²

Este tipo de luxo era ilegal na altura, na medida em que violava as regras acerca das diferentes classes sociais, regulamentos sobre a habitação dos funcionários, etc. Porém, desde meados da dinastia Ming que estas disposições pareciam inúteis. Em comparação com o povo, os membros da corte pareciam não ter limitações no que dizia respeito à habitação.

Quanto às casas dos ricos nos arrabaldes, apresentavam igualmente muitas árvores, flores e frutos no jardim dentro da casa. De acordo com a arte dos jardins tradicionais chineses, as flores e as árvores vestem um jardim com as quatro estações, escolhe-se as flores e as árvores pelo seu simbolismo e função decorativa. Como o autor descreveu, “ali tem todos os alegretes de boninas e cravos e ervas cheirosas.”⁸³

A descrição do jardim acrescenta ainda que “dentro tem bosques de arvoredos silvestres onde traz muitos veados e porcos monteses e outras caças. De maneira que

⁸² Cf. YI Yongwen 伊永文, 《As necessidades básicas da dinastia Ming》, Pequim, 2012, p. 142.

⁸³ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 128.

das portas adentro tem todos os passatempos porque nunca pode sair fora de casa”⁸⁴. Este relato corresponde a Wei chǎng (围场, *wéichǎng*), cujo significado básico é uma cerca exclusiva para o imperador ou aristocratas caçarem em segurança, sem "sa íem" de casa, ou seja, as residências incluem locais de diversão. Os oficiais precisavam permissão dos mandarins de posição mais elevada para sa íem, como o *Tratado* também acrescenta “porque como não podem sair fora da cidade dentro de casa se lhe provê que tenham todos seus passatempos”⁸⁵.

Sobre o luxo da cidade de Jin ling (金陵, *jīnl íng*) ou a Cidade Proibida (紫禁城, *zǐjìnchéng*) da dinastia Míng, o autor afirma que “um cavalo de andadura apenas a atravessa dos muros adentro de sol a sol, pois são cidades reais e as principais de toda a China”⁸⁶.

4.1.2 A residência do povo

Sobre as casas do povo, no capítulo VI, Frei Gaspar da Cruz informa-nos acerca da cidade de Cantão: “as casas da gente comum, na aparência de fora, são comumente pouco lustrosas, mas de dentro são muito para ver, porque são comumente alvas como leite, que parecem papel brunido” (...) “a madeira toda é muito lisa e muito igual, e muito bem lavrada e assentada”.⁸⁷

Na arquitetura tradicional chinesa, a madeira é usada principalmente para fazer as vigas, portas e janelas, ou para decoração mas as paredes são feitas de tijolos. Portanto, aqui surgem dois tipos de materiais: o tijolo e a madeira. Segundo a dissertação do historiador e arquiteto chinês Liang Sichen (梁思成, *liáng sīchéng*) *A História da Arquitetura da China*, a utilização de madeira tem duas grandes causas⁸⁸: “Os chineses não utilizavam muito bem a tecnologia da pedra no âmbito da arquitetura e faltava-lhes conhecimento suficiente sobre estes materiais. Nem encontraram um material que fosse bom adesivo para unir as pedras. O povo chinês constrói uma casa

⁸⁴ *Idem, Ibidem.*

⁸⁵ *Idem, Ibidem*, p. 129.

⁸⁶ *Idem, Ibidem*, p. 130.

⁸⁷ *Idem, Ibidem*, P. 117.

⁸⁸ Informações obtidas em www.zhihu.com/question/21301732, consultado a 9 de janeiro de 2016.

sem sequer pensar em fazê-la perdurar durante um milénio. Por isso, a madeira era mais fácil de ser seleccionada do que outros materiais.”

Os chineses dominavam a tecnologia da madeira ainda antes da dinastia Ming, facto pelo qual o dominicano mostrou a sua admiração: “confesso em verdade que nunca vi madeira tão linda com aquela”⁸⁹. No entanto, a *Historia del Gran Reino de la China*, escrita por Juan González de Mendoza no ano de 1586, refere a utilização de cal e pedra na construção das fundações.⁹⁰

Quanto aos móveis usados pelo povo, no capítulo XI *Dos oficiais mecânicos e dos mercadores* lê-se: “Quando faz a descrição das carpintarias, damos uma solta dos móveis desta dinastia. Têm continuamente feito [s] muitos caixões de muitas maneiras... Têm continuamente feitas muito [grande] número de cadeiras, umas de pau branco muito galantes e outras muito galantes douradas e prateadas muito bem lavradas.”⁹¹

Nas cadeiras ao estilo Ming, o encosto da cadeira estava nivelado com a altura do pescoço. Muitos especialistas modernos, medindo um grande número de peças daquela dinastia, encontraram vários tipos de cadeiras diferentes sendo que a sua altura média era de 480 milímetros. Retirando 70 mm da parte reservada para os pés, restam 410 mm, altura que corresponde à cadeira padrão atual, especialmente o ângulo e a curva do encosto da mesma. Ou seja, a maestria dos artesãos era tal que construíam cadeiras perfeitamente ajustadas à mecânica do corpo humano.

Sobre o material utilizado, o afamado especialista sobre cadeiras tradicionais, Cui Yongxue (崔咏雪, *cūi yǒngxuě*), elogiou: “É valioso que os artesãos escolham o material adequado para a cadeira, de acordo com as necessidades do corpo numa época em que não existia a mola.”⁹²

Os artesãos aplicaram igualmente o seu engenho no desenho da mesa. O formato mais usado era um tipo de mesa quadrada, também chamada Mesa de Baxian (八仙桌, *bāxiānzhuō*). A principal característica desta mesa era ser quadrada, clássica e simples.

⁸⁹ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 117.

⁹⁰ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 142.

⁹¹ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 149.

⁹² Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p.161.

Podia acolher dez pessoas sentadas, servindo não só para a exibição de pinturas e caligrafias, mas também para as refeições. Aos olhos dos ocidentais, essa mesa é um dos melhores móveis do mundo. O nosso autor descreve-a no capítulo XIII *Dos trajes e usos dos homens*: “Estavam as mesas postas em três lanços da casa, para cada convidado uma mesa muito linda e sua cadeira dourada ou prateada, e cada mesa tinha em frente um frontal de damasco até o chão. Nas mesas não havia toalhas nem guardanapos, assim porque as mesas são muito lindas, como porque comem tão limpamente que não têm necessidade destas coisas.”⁹³

Não havendo toalhas ou guardanapos na mesa, a borda da mesa ficava mais alta, para impedir que o vinho, a água ou o líquido do prato sujasse as roupas dos convidados. Para além da mesa, o *Tratado* apresenta outros tipos de móveis. “E coisa de buquetas douradas e bandejas e cestos, escritórios e mesas, tudo assim dourado como prateado, não tem conto nem par.”⁹⁴

4.2 As casas nos arrabaldes e a governação urbana segundo o *Tratado* e a situação na História da China

Atualmente, a China é o país mais populoso do mundo, mas com certeza também na dinastia Ming o era. Naquela época, os povos viviam não só nas cidades, mas também nos arrabaldes, ou zonas mais rurais. Em geral, “as casarias dos arrabaldes são como as dos muros adentro; e todas pela maior parte também mui bem calçadas”.⁹⁵

Segundo o *Tratado*, os arrabaldes eram bem organizados pela corte. “Em todas as ruas dos arrabaldes há anos cabos e fim delas portas com porteiros obrigados, os quais têm especial cuidado das fechar todas as noites”⁹⁶ e “Pelo que têm todas as ruas toda a noite vigia... e para sinal que estão despertos, em cada rua tocam um tambor, onde têm toda a noite sempre uma lanterna grande acesa”.⁹⁷ Graças a estas passagens sabemos que a vigilância noturna era muito rigorosa, por forma a garantir a segurança da

⁹³ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 149.

⁹⁴ *Idem, Ibidem.*

⁹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 119.

⁹⁶ *Idem, Ibidem.*

⁹⁷ *Idem, Ibidem.*

comunidade. De resto, o exército Ming ficou famoso na História por nunca descurar as suas tarefas durante a noite, nomeadamente a patrulha. As suas tarefas podiam impedir que voltassem para o acampamento durante várias noites, sendo o papel dos militares em prol da segurança do povo muito importante e cansativo.⁹⁸

Sobre as casas nos arrabaldes, o nosso autor acrescenta: “Vêm-se destas muitas por muitas partes, que parece estarem em despovoado, mas quando se chega onde elas estão, descobrem-se uns lugares muito grandes e de muitos vizinhos, muito bem arruados, ainda que as ruas comumente são estreitas”.⁹⁹ Isto é para além do povo comum, algumas pessoas da classe média, de boa fama e fortuna mas cuja carreira poderia ter regredido devido à corrupção, largavam os cargos de regedor e construam as suas casas nos arrabaldes. Por exemplo, um censor durante o reinado de Jiajing, de seu nome Wang Xiancheng (王献臣, *wángxiànchén*), optou por morar em Suzhou (苏州, *sūzhōu*), levando 20 anos para construir o Jardim do Administrador Humilde (拙政园, *zhuōzhèngyuán*).

Para esta classe média, uma casa com jardim nos arrabaldes é mais do que um lugar para viver, é também um sítio para apreciar e divertir-se, é um tipo de residência capaz de satisfazer vários requisitos. A paisagem pitoresca devia transparecer no próprio jardim durante o dia e a noite, era possível ficarem em casa e ouvirem os sons da primavera, apreciarem as flores no seu jardim. Todos os cantos da casa devia refletir as qualidades literárias e artísticas e os gostos estéticos do proprietário. De facto, este tipo de vida nos arrabaldes exigia uma base económica muito forte, para concretizar esta visão pessoal, sendo portanto uma forma de vida.¹⁰⁰

⁹⁸ Informações obtidas em www.xzbu.com/4/view-3867204.htm, consultado a 9 de janeiro de 2016.

⁹⁹ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 126.

¹⁰⁰ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 165.

Capítulo V

Os Meios de Transporte segundo o *Tratado* e a Situação na Dinastia Ming

5.1 As viagens no *Tratado*

No que respeita aos transportes, o *Tratado* dá algum destaque às embarcações da China. Mas, antes de analisarmos a visão do religioso, caracterizemos o sistema de transportes na dinastia Ming.

Havia vários tipos comuns de transporte: os navios, os carros de burro ou de mula, carroças puxadas a cavalo, etc. O autor concentrou-se nos navios porque, de facto, a tecnologia da navegação e a construção naval na dinastia Ming estava bastante desenvolvida, como podemos constatar através das viagens de tesouro de Zheng He, já mencionadas anteriormente. Foram sete as viagens marítimas realizadas por este explorador, durante a dinastia Ming (entre 1405 até 1433), resultando em sete viagens de longa distância oceânica, até aos territórios costeiros e insulares à volta do Mar do Sul da China e ao Oceano Índico. Zheng He foi contratado para comandar estas expedições, que assumiam um papel diplomático, militarista e comercial no mundo desta época.

Somente através de boas técnicas de construção naval e da vasta experiência dos marinheiros foram possíveis tão longínquas viagens. O transporte aquático, sendo um importante meio de transporte, desempenhava igualmente um papel indispensável no quotidiano. Quando Frei Gaspar esteve em Cantão, durante o reinado de Jiajing, passavam-se já muitos anos desde os acontecimentos de Zheng He, pelo que a tecnologia de construção naval e os usos dos navios estavam perfeitamente desenvolvidos.

Durante a dinastia Ming, não só existiam muitas escolhas possíveis de transporte como existiam muitos livros ou guias, que orientaram os viajantes e os negociantes. Os conteúdos desses livros apresentavam características distintas, de acordo com o estatuto, experiências ou perspetivas dos autores. Alguns deles continham

o registo de todas as cidades do país, outros descreviam as províncias de oeste-sul da China, havendo ainda livros que falavam especialmente sobre os locais de Cantão e Jiangxi. Uma das obras mais famosas chamava-se As Viagens do Xu Xiake (《徐霞客游记》, *xúxi kèyèyájì*), que inclui uma caracterização geográfica e social. Apesar de possuírem finalidades e ângulos de visão distintos, estas obras podem ser consideradas como guias.

Além disso, existia também um tipo de livro especialmente voltado para as viagens de negócios, mais detalhados, que incluem experiências empresariais e conhecimentos astronômicos. Esses livros só não descreviam o sentido de marcha e a distância entre vários destinos, como abordavam várias questões passíveis de serem encontradas pelos negociantes durante a jornada. Um dos mais famosos chama-se As Mapas da Unificação das Ruas (《一统路程图记》, *yītǒng lìcháng tújì*).¹⁰¹

Nesta dinastia, verificou-se um fenómeno cultural muito interessante, no que respeita às viagens das mulheres. Com um ambiente político estável e uma base económica cada vez melhor, as pessoas com tempo e capacidade económica para viajarem por lazer tornou-se um tipo de moda. Entre essas viagens, as das mulheres eram mais perceptíveis.

Geralmente, as mulheres empreendiam viagens-peregrinações, ou seja, esta atividade assumia uma dimensão sagrada. A peregrinação feminina tinha como objetivo orar, evitar a má sorte e os desastres, devendo ser completada a caminhar. Por exemplo, a viagem de Zou Bai Bing (走百病, *zǒubǎibìng*, significa andar para curar as doenças) era comum entre as mulheres de Pequim. De acordo com o calendário lunar, milhares de mulheres saíam das suas casas na noite de 16 de janeiro, para matar as doenças através da caminhada conjunta. Algumas mulheres realizavam a Zou Bai Bing para pedirem um bebé do sexo masculino, outras pediam bons desejos, que os desastres e as doenças fossem removidos do seu futuro. Dizia-se que o andar extra e matava as doenças, ideia romântica que, de facto, incentivava as mulheres a praticarem exercício físico. De um ponto de vista social, foi um tipo de emancipação das mulheres na dinastia

¹⁰¹ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 227.

Ming

Não obstante, as viagens das mulheres parecia assumiam, não raras vezes, outras dimensões mais mundanas. O Zou Bai Bing era também um espetáculo para mostrar trajes e um concurso de beleza. Em suma, esta caminhada feminina era uma atividade social com o objetivo principal de melhorar a saúde, e tornou-se progressivamente numa busca comum da sociedade e num estilo de vida.

5.2 Os navios e as embarcações referidos pelo autor e a situação na História da China

O transporte aquático já se desenvolveu muito bem na dinastia Ming, ambos os navios e as embarcações na guerra comprovou isto.

5.2.1 Os navios do quotidiano

No início do capítulo IX, *Dos navios e embarcações que há na Terra*, o autor explicou a causa da abundância de navios da China: esta terra possui a abundância de madeira, que era muito barata, assim como muito ferro.¹⁰² Devido à grande quantidade de embarcações, exigia-se um sistema de gestão.

O marinheiro coreano de seu nome Choe Bu (1454-1504) foi um dos primeiros navegadores a elogiar os meios de transporte aquáticos e terrestres chineses, referindo que eram muito seguros e confortáveis, no seu diário "Um registo através de derivação do Mar do Sul Brocade" (《錦南漂海錄》, *jǐnnánpiāohǎilù*)¹⁰³ Este oficial da dinastia Joseon precoce (1392-1910) ficou sobretudo conhecido por causa das suas viagens naufragadas na China, de fevereiro a julho 1488. Ele acabou por ser banido da corte em 1498 e executado em 1504, contudo, o seu diário foi impresso no século XVI, na Coreia e Japão. Os historiadores modernos referem o seu diário de viagem, uma vez que oferece a perspectiva única de um estrangeiro acerca da cultura chinesa no século XV, e

¹⁰² Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 133.

¹⁰³ YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 232.

informações valiosas sobre cidades chinesas e diferenças regionais. As atitudes e opiniões expressas nos seus escritos representam, em parte, as posições e pontos de vista dos letrados confucionistas coreanos daquele século, que viram a cultura chinesa como compatível como a sua. A sua descrição de cidades, pessoas, costumes, culinária e comércio marítimo ao longo do Grande Canal da China fornece indicações sobre a vida quotidiana chinesa e as diferenças entre o norte e o sul, no século XV.

No *Tratado das Coisas da China* constata-se também a surpresa do autor em relação ao sistema de gestão e segurança do transporte aquático. “Em todo o lugar onde estão estas embarcações, há duas [embarcações] pequenas que continuamente correm de noite e de dia de uma vigia à outra por serem muito ligeiras, e partem-se os das embarcações grandes em vigias aos quartos para vigiarem, assim nos pequenos e ligeiros como nos grandes.”¹⁰⁴ E conclui: “Bem se vê nisto quão bem se governa na China, e quanta conta se tem com fazer aos mercadores e caminhantes os caminhos seguros.”¹⁰⁵

Ainda neste capítulo, o autor realça a tradicional autossuficiência chinesa através do transporte aquático, que espantou os observadores europeus da época, revelando que o tráfego no canal era surpreendente: “Ao longo da cidade de Cantão, mais de meia légua pelo rio, é tão grande [a] multidão de navios que é coisa maravilhosa vê-los. E o que é mais de maravilhar de que esta multidão nunca desfalece nem mingua quase todo o ano, porque se saem trinta ou quarenta ou cento um dia, [logo] entram outros tantos”.¹⁰⁶ Através desta descrição, confirmamos a generalização do transporte marítimo e fluvial na dinastia Ming.

No *Tratado* afirma-se: “Em todo o lugar onde estão estas embarcações, há duas [embarcações] pequenas que continuamente correm de noite e de dia...”¹⁰⁷ Sobre estes navios rotineiros, havia um fenómeno cultural muito interessante mencionado amiúde nas obras literárias da dinastia Ming: andar de barco à noite. Este tipo de embarcações, muito simples e pequeno, chamava-se “barcos de noite” não porque navegasse apenas

¹⁰⁴ Frei Gaspar da Gruz, *Ob. Cit.*, p. 139.

¹⁰⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 140.

¹⁰⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 133-134.

¹⁰⁷ *Idem, Ibidem*, p. 139.

durante a noite, mas porque andava dia e noite, sem pausas, sendo muito regular e pontual. A própria expressão “o barco da viagem noturna” (夜行船, yè xíng chuán) tornou-se sinónimo das viagens fluviais nas cidades com rios ou canais.

Segundo o livro *A Viagem de Terra e Mar* (《水陆路程》, *shuǐlùlùchéng*), este sistema de transporte partia de Songjiang Fu (松江府, *sōngjiāngfǔ*), formando quinze hidrovias de transporte que ligava os sítios mais importantes da época, facilitando as viagens do povo.¹⁰⁸ Várias obras literárias registaram o facto de estes barcos andarem à noite, transportando passageiros de todos os lugares e de todas classes sociais da China. Durante estas navegações noturnas, os passageiros conversavam para passarem o tempo, pelo que os pequenos barcos se transformaram num espaço de aprendizagem e troca de informações. Os literatos da dinastia Ming criaram vários romances tendo o barco da noite como cenário, de que é exemplo *Du Shiniang* (《杜十娘怒沉百宝箱》, *dùshíniáng nùchén bǎibǎoxiāng*)¹⁰⁹

No *Tratado* também existe um relato sobre este tipo do barco: “Há outras embarcações menores, que chamam lanteas [pequena embarcações de passageiros], que têm seis, sete remos por banda, que remam muito e também levam boa carga”.¹¹⁰

Todos estes relatos confirmam que estes navios eram indispensáveis na vida quotidiana dos povos da dinastia Ming, o transporte pela hidrovia era mais popular do que na China de hoje.

5.2.2 Os navios militares

No *Tratado* descreve-se os navios de guerra de maior dimensão, a que se chama "juncos". A origem desta palavra é interessante: em chinês, navio diz-se (船, *chuán*), enquanto em javanês é *djong*, pelo que se presume que o autor tenha adaptado a palavra javanesa, traduzindo para junco.

¹⁰⁸ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 200.

¹⁰⁹ *Du Shiniang* (Du) é uma história e enredo do teatro popular na China, existe como uma ópera Shaoxing, uma ópera de Sichuan, e também como um repertório da Opera Central em língua chinesa de estilo ocidental. O enredo diz respeito à cortesã Du Shiniang, a décimo-filha da família Du, que se apaixonou por um literato, Li Jia.

¹¹⁰ Frei Gaspar da Gruz, *Ob. Cit.*, p. 136.

Java é a segunda maior e a principal ilha da Indonésia, onde se situa a capital do país, Jacarta (em indonésio: Jakarta). É a ilha mais povoada do mundo e uma das regiões mais densamente povoadas do planeta. Antigamente foi um poderoso reino hindu e, nos tempos coloniais, o principal território dos domínios da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Atualmente, a ilha tem um papel predominante na vida económica e política da Indonésia. A principal etnia é a javanesa e a religião predominante é o Islão¹¹¹. Porque usou o autor a língua javanesa para designar este tipo de navios? Porque a relação entre a China sob domínio Ming e Java era boa, naquela época.

Estima-se que um navio que partisse da Estrada de Quanzhou demoraria cerca de um mês a chegar a Java. Um grande número de porcelanas, cânforas e bálsamos transportado pelos navios comerciantes chineses, devia passar por Java. Em seguida, eram revendidos para os países ocidentais pelos comerciantes europeus. Isto porque, no início da dinastia Ming, os ocidentais que quisessem negociar com a China só podiam chegar ao Sri Lanka (Ceilão para os portugueses). Assim, Java tornou-se um importante entreposto comercial. Além disso, o número dos chineses que trabalhavam em Java era considerável, chegando através de navios.

Naquela altura existiam muitos estaleiros para a reparação dos navios, e entre os quais, o maior era o Estaleiro de Longjiang de Nanquim (南京龙江造船, *nánjīng lóngjiāngzàochuán*) que forneceu os navios para as viagens de tesouros de Zheng He.

Para descrever estes juncos, o autor escreveu: “feitos como naus grandes, aos quais fazem muito altos castelos de proa e de popa, para deles pelejarem, de maneira que fiquem senhores dos adversários.” (...) “no primeiro cometimento lançam muita soma de cal para cegarem os adversários, e assim dos castelos como das gáveas lançam muitos paus tostados agudos, que servem como zagunchos [e que] são de pau mui testo. Usam também de soma de pedra. E o principal que trabalham, é quebrarem com os seus navios as obras mortas dos adversários, para que fiquem senhores deles, ficando-lhe debaixo de desamparados de coisa com que se lhe encubram. E como podem entrar, vêm às lançadas e cutiladas... para o que tem lanças compridas, e espadas rombas,

¹¹¹ Informações obtidas em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Java>, consultado em 31 de janeiro de 2016.

sobre talabartes derribados.”¹¹²

Fontes históricas revelam que existiam, de facto, este tipo de navios usados nas guerras. O velame do junco era composto por lâminas rígidas, ao contrário das velas ocidentais feitas de pano ou, mais recentemente, de materiais compostos e consequentemente flexíveis. Ao serem rígidas eram, à vez, mais eficientes e permitiam um ângulo de ataque ao vento mais apertado. Por outro lado, eram mais facilmente ajustadas às condições do mar e do vento, pois ao rizar permitiam uma redução mais escalonada da área da vela. Quando os ocidentais se cruzaram pela primeira vez com os juncos chineses, a reação inicial foi de espanto face ao seu tamanho e à sua versatilidade. Em parte esta surpresa estava ligada ao facto de estas embarcações serem construídas por compartimentos estanques, em que cada secção da embarcação podia receber cargas líquidas a granel, distribuindo o esforço sobre o casco de forma mais eficaz, o que permitia a construção de cascos maiores.¹¹³ Também estes pormenores dão credibilidade ao nosso *Tratado*.

5.3 Os transportes terrestres

Começamos por verificar a descrição de Frei Gaspar sobre as estradas de Cantão, à época da dinastia Ming: “As ruas da cidade todas são lançadas à linha mui direitas, sem de nenhuma qualidade fazerem lombo nem tortura. As ruas principais são algumas mais largas que a Rua Nova dos Mercadores de Lisboa aos Ferros.¹¹⁴ São todas as traves [sas] tão direitas como as ruas. De maneira que nem há rua nem travessa que faça volta. São todas as ruas e travessas mui bem calçadas, indo as calçadas ao longo das casas altas e pelo meio, para corrente das águas, mais baixas. Têm as ruas principais arcos triunfais que as atravessam, altos e mui bem-feitos, os quais fazem as ruas muito formosas e enobrecem a cidade. Têm as ruas principais ao longo das casas cobertos

¹¹² Frei Gaspar da Gruz, *Ob. Cit.*, p. 135

¹¹³ Informações obtidas em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Junco_\(barco\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Junco_(barco)), em 31 de janeiro de 2016.

¹¹⁴ A Rua Nova dos Mercadores era a mais importante artéria comercial da Lisboa quinhentista.

d'alpendres, nas quais e debaixo dos arcos se vendem muitas coisas.”¹¹⁵ De facto, tal como o autor afirma, as ruas de várias cidades chinesas, especialmente as do sul, eram extremamente limpas, largas e muito bonitas.

No entanto, na cidade de Pequim as ruas não eram tão asseadas como as das cidades sulistas. Este facto pode ser confirmado na obra do Padre Matteo Ricci, um sacerdote jesuíta, missionário, cientista, geógrafo e cartógrafo renascentista italiano, conhecido pela sua atividade missionária na China da dinastia Ming, onde era conhecido por Lì Mǎdòu (利瑪竇, *limǎdòu*). Ele é considerado o fundador das missões católicas modernas na China, contribuindo assim de modo fulcral para a introdução do catolicismo ali, conforme relato na sua obra *Na entrada da Companhia de Jesus e do Cristianismo na China* (Pequim, 1608-1610) (《中国札记》, *zhōngguózhájì*). A maioria das ruas de Pequim eram, regra geral, menos limpas. Comparativamente, não só em Cantão mas também em Jingling (金陵, *jīnlíng*, chama-se Nanquim atualmente), as ruas eram relativamente mais limpas e bem organizadas¹¹⁶ ao longo das ruas principais multiplicavam-se os vendedores com as suas mercadorias.

Existiam também várias escolhas de vias de transportes, por exemplo, o carro de burro em Pequim, puxados, como o nome indica, por um asno. Para além de resistente às doenças e à sede, o burro é um animal com pouco apetite e dócil, adequado para realizar longas distâncias. Assim, muitos letrados da dinastia Ming estavam dispostos a viajarem de burro. O arrendamento mercantil da mula desenvolveu-se como uma indústria separada, enquanto o mercado onde se compravam estes animais se chamava “mercado dos cavalos”, devido ao importante papel do cavalo no sistema de transportes.

O cavalo era também bastante popular, porque o governo promovia a equitação, considerado como um tipo de transporte mais respeitado. Isto contribuiu em grande parte para a expansão do mercado dos cavalos, embora o preço de um cavalo fosse muito caro, pelo que este tipo de transporte era sobretudo limitado às classes aristocráticas.

A somar aos anteriores, existia um veículo tripulado à mão e outro carro de bois,

¹¹⁵ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, Pp. 113-114.

¹¹⁶ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 219.

e um tipo de carro com uma estrutura de madeira puxada por uma pessoa¹¹⁷. Em resumo, o transporte estava bem desenvolvido na dinastia Ming, com várias escolhas possíveis para os diferentes tipos de viagem.

¹¹⁷ Cf. YI Yongwen 伊永文, *Ob. Cit.*, p. 213.

Capítulo VI

Outros Aspectos mais Interessantes referidos no
Tratado e a Realidade daquele Tempo

6.1 As prisões segundo o *Tratado* e segundo as políticas reais

Entre todas as temáticas abordadas por Frei Gaspar da Cruz, a mais cruel e surpreendente dirá respeito aos troncos punitivos, descritos nos capítulos XX e XI, que inclui pormenores sobre os presidiários, troncos, penas, etc., oferecendo informações ainda mais detalhadas do que a história oficial da China. Debrucemo-nos, portanto, na narrativa acerca dos troncos na história chinesa.

O sistema prisional das dinastias esteve sempre relacionado com o respetivo desenvolvimento político e económico. Ainda assim, registou-se uma certa continuidade, mais significativa do que quaisquer novidades introduzidas. A dinastia Ming manteve o sistema básico anterior, ainda que o desenvolvesse e melhorasse. Adaptando-se às características da classe dominante, o sistema prisional Ming tornou-se tirano e corrupto, parecendo um violento instrumento, ao serviço da manutenção da economia dinástica e da monarquia. Existiriam então estabelecimentos prisionais centrais e locais.

A sucessão de imperadores levava a uma melhoria institucionalizada da vida dos prisioneiros. Por exemplo, durante o reinado de Jiajing, o governo dava uma roupa de algodão a todos os prisioneiros em cada inverno. Para além disso, as leis tinham várias disposições no sentido de melhorar a vida dos prisioneiros, nomeadamente no que respeitava à criação de uma família, sobre as visitas familiares. Por exemplo, na época dos festivais, as famílias podiam levar vinho, frutas e carnes ou outros alimentos. Introduziu-se também o método de liberdade condicional. Por outro lado, as penas eram mais cruéis e terríveis do que antes¹¹⁸

Exemplifiquemos algumas das terríveis penas muito praticadas na dinastia Ming. Na província de Shanxi, distrito Hongtong (洪洞县, *hóngtóngxiàn*), ainda existe uma prisão antiga e bem-conservada e um tronco da dinastia Ming, com 600 metros quadrados. Fora do tronco há uma rede de arame, com muitos sinos pendurados em cima. O espaço interno é muito pequeno, escuro e húmido. Os muros de prisão eram

¹¹⁸ Informações obtidas em <http://zt.tibet.cn/zt/zt2002002612141314.htm>, em 3 de fevereiro de 2016.

construídos em areia, caso prisioneiro quisesse cavar a sua saída, seria bloqueado pelo fluxo de areia. No centro do pátio da prisão havia um poço, sendo a boca do poço muito pequena para evitar que os prisioneiros se suicidassem¹¹⁹, uma vez que o suicídio era um fenómeno muito comum nas prisões.

Como o missionário afirma no *Tratado*: “E afirmaram-me uns portugueses que estiveram presos que um dia se enforcaram quarenta presos em um tronco onde eles estavam, por de escapar [em] dos açoites quiseram antes perder a vida. [...] Quando algum se mata ou morre no tronco, é ordenação na China que o lancem nas necessarias e ali esteja três dias, onde o comem ratos. E às vezes alguns chinos presos com fome comem deles.”¹²⁰ Ou seja, os prisioneiros suicidavam-se para escaparem às penas, pois tortura e métodos de execução eram ainda mais terríveis do que o suicídio.

O fundador da dinastia Ming chamava-se Zhu Yuanzhang (朱元璋, *zhūyuánzhāng*), um monge pedinte que odiava os funcionários corruptos. De forma a punir estes funcionários pouco escrupulosos e salvaguardar o governo imperial, ele inventou e difundiu muitos tipos de torturas cruéis. Um dos métodos consistia em despejar asfalto derretido sobre os prisioneiros, após o arrefecimento e solidificação do mesmo, batia-se com um martelo até a pele esfolar com o asfalto. Depois, enchiam-se as peles com ervas e penduravam-nas na muralha da cidade para todos os cidadãos verem.

Existia ainda a pena por açoites que, segundo informação histórica, se destinava especialmente aos ministros que se opunham ao imperador.¹²¹ Sobre este tipo de tortura, escreveu o autor no *Tratado*: “Os açoites dão-nos nas curvas das pernas, deitados o delinquente de bruços e estendidas as pernas e as mãos atadas detrás. São estes açoites muito cruéis, que o primeiro faz logo arrebentar o sangue. E um açoite são duas pancadas de dois alçózes postos um de uma banda, que açoita em uma perna, e outro da outra, para açoitar outra perna. E de dois açoites não pode ir o homem por seu pé e levam-mo pelas pernas e braços. E de cinquenta, sessenta açoites morrem muitos,

¹¹⁹ Informações obtidas em http://wap.tiexue.net/3g/thread_3143130_1.html, no dia 3 de fevereiro de 2016.

¹²⁰ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, pp.205- 206.

¹²¹ Informações obtidas em http://bbs.tiexue.net/post_3443512_1.html, no dia 3 de fevereiro de 2016.

porque desfazem todos os miúdos das curvas.”¹²²

Outra pena era matar todas as pessoas que se relacionavam com o prisioneiro, procedimento inventado pelo imperador Yongle, o terceiro imperador da dinastia Ming, reinando entre 1402 e 1424. O seu nome significa "felicidade perpétua", e ainda hoje é reconhecido como o maior imperador da dinastia e um dos melhores governantes da história chinesa. Quando era príncipe de Yan (燕王, *yānwáng*), possuía já uma pesada base militar em Pequim, ficando conhecido como Cheng zu (明成祖, *míngchéngzǔ*) durante a guerra civil que iniciou o seu reinado.

A sua usurpação do trono ao sobrinho Zhu Yunwen (朱允炆, *zhū yǔnwén*), é também conhecida como a "Segunda Fundação" da Dinastia Ming. O professor e ministro do imperador deposto, que se chamava Fang Xiaoru (方孝孺, *fāng xiàorú*), foi morto de seguida, assim como todas as familiares, amigos e estudantes deste oficial que não quis trair o seu monarca. O imperador Yongle tê-lo-á morto através de um corte na cintura mas, diz a lenda, Fang Xiaoru ainda sobreviveu com metade de corpo e escreveu com sangue 12 vezes o carácter chinês cuan (篡, *cuàn*), que significa usurpação.¹²³

Outra tortura muito famosa chamava-se “a morte por mil cortes”, um método de execução no qual o réu julgado culpado sofria mutilação por grande quantidade de cortes em áreas específicas do seu corpo com uma faca afiada, para que cada um dos golpes debilitasse a pessoa. Por fim, o condenado não tinha como andar, pois, os músculos, nervos e vasos sanguíneos eram danificados. O último corte, fatal, era feito normalmente na garganta, deixando o condenado em extrema agonia até à morte. Por serem bem calculados, os cortes causavam uma imensa dor. Os condenados sangravam até que os seus órgãos vitais parassem de funcionar. Esta técnica ainda foi muito usada no Japão, em tempos de guerra civil e nas guerras mundiais: aos espões descobertos estava sempre reservada uma morte dolorosa, e essa era uma ótima forma de o conseguir.¹²⁴

¹²² Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p.205.

¹²³ Informações obtidas em http://bbs.tiexue.net/post_3443512_1.html, no dia 3 de fevereiro de 2016.

¹²⁴ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_por_mil_cortes, no dia 3 de fevereiro de 2016.

Voltando aos troncos característicos da dinastia Ming, comparemos o relato do *Tratado* com outros dados históricos.

6.2 As palavras chinesas e cantonesas que surgem no *Tratado*

No *Tratado*, surgem muitas vezes a pronúncia das palavras chinesas ou cantonesas. Analisemos a explanação do nosso autor sobre estas palavras chinesas e os sentidos reais destas palavras.

Por exemplo, na página 109, encontramos a passagem: “A outra província se chama Xuteafim, cuja cabeça é a grande cidade de Pequim, onde continuamente reside el-rei.”¹²⁵ Aqui, o “Xuteafim” (顺天府, *shùntiānfǔ*), significa prefeitura de Shuntian em chinês, Shun Tian Fu, era uma região administrativa da China durante as dinastias Ming e Qing, equivalente ao Município de Pequim (ainda que com uma área da jurisdição diferente), referindo também os serviços do governo local (衙门, *yámén*) prefeituras.

A palavra *lúchias* surge na página 157, em chinês *Lizhi* (荔枝), e já foi referida numa alínea anterior dedicada à comida, pois trata-se de um tipo de fruta muito saborosa do sul do país.

Ainda sobre a comida, existe uma palavra muito interessante no *Tratado*, *Chifã* na página 163, que representa arroz salteado com legumes, ervilhas e carnes. Atualmente usa-se muito na língua portuguesa, o arroz *chau chau*, um prato tradicional da gastronomia de Macau e de Cantão. Tal como o nome sugere, trata-se de um prato preparado com arroz, referindo-se a designação “*chau chau*” à fritura do arroz, constituindo uma adaptação da expressão em língua cantonesa “炒飯” (pronunciada aproximadamente como “*tchau fan*”, *chǎofàn*), significando arroz salteado. Para além do arroz, o prato pode também incluir carne de porco assado, cebolinho, chouriço, presunto, ervilhas, ovo, camarão e molho de soja. O arroz é de véspera, sendo depois salteado e envolvido com os restantes ingredientes. Em Portugal, ao contrário do que

¹²⁵ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 109.

acontece noutros países, esta iguaria é normalmente encontrada em restaurantes de inspiração chinesa como acompanhamento de outros pratos. No entanto, em restaurantes especializados na cozinha macaense e cantonesa é também possível encontrá-lo na sua vertente original de prato principal. Em Macau, é possível encontrar algumas variantes desde prato preparadas com bacalhau.¹²⁶

Os pauzinhos são descritos na página 165, como um talher típico e tradicional da China: “usa deles a modo de tenazes, de maneira que nada do que está à mesa tocam com a mão.”¹²⁷ Aqui *tenazes* é usado para descrever a utilização dos pauzinhos e não para os nomear.

Sobre o tratamento aos funcionários chineses, Frei Gaspar usa “*louthia*”¹²⁸. Uma palavra cantonesa que designa, de forma respeitosa, os funcionários governamentais chineses. De facto, segundo dados históricos, os funcionários eram todos chamados por *guanfu* (官府, *guānfǔ*), que significa presidente e, de forma respeitosa, acrescentava-se com *laoye* (老爺, *lǎoyé*) ou *laodie* (老爹, *lǎodiē*), que significa venerável pai, apesar de os portugueses os chamarem também de mandarins, expressão equivalente a *laoye* ou *laodie* em chinês. Deste então, todos os europeus usam a palavra mandarim para se referirem a estes funcionários. De acordo com a obra de Matteo Ricci (já citado), *Na entrada da Companhia de Jesus e do Cristianismo na China*, a palavra “mandarim” deriva do verbo português “mandar”¹²⁹.

A última palavra mais interessante que surge no *Tratado* é de origem cantonesa e aparece na página 181 - *chaem* - um censor investido das funções de comissário imperial itinerante. De facto, em chinês é *chairen* (差人, *chāirén*) enquanto em mandarim antigo existia esta palavra (差衙, *chà yá*), com o mesmo significado de funcionário público ordenado. Em cantonês, o sentido desta palavra atualmente mantém-se um pouco semelhante, uma vez que representa os polícias.

¹²⁶ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Arroz_chau_chau, consultado no dia 4 de fevereiro de 2016.

¹²⁷ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 165.

¹²⁸ *Idem, Ibidem*, p. 177.

¹²⁹ Informações obtidas em <http://bbs.tianya.cn/m/post-free-2300947-1.shtml>, consultado no dia 4 de fevereiro de 2016.

6.3 Outros erros no *Tratado*

No início do capítulo V, *Das províncias em que se divide a China*, existe um erro muito evidente sobre as divisões e os limites das províncias. “Treze províncias afirmam geralmente os da terra que tem a China, e cada província tem uma cidade mui grande e mui populosa e mui nobre em edifícios por cabeça.”¹³⁰.

De seguida, o autor designa os nomes de uma destas províncias no início de cada parágrafo: *Cantão*, *Cansi*, *Fuquem* (*Fuc heo*), *Chaqueão* (*Omquom*), *Xuteafim* (*Pequim*), *Chilim* (*Nanquim*), *Sanxi*, *Quichio*, *Fuquom*, *Quinsi*, *Uinam*, *Siquiam*, *Siensi*. Contudo, segundo os dados históricos, não corresponde às 15 províncias estabelecidas na dinastia Ming. Na realidade, eram: Zhili Norte (北直隶, *běizhìlì*), Zhili Sul (南直隶, *nánzhìlì*), Shaanxi, Shanxi, Shandong, Henan, Zhejiang (浙江, *zhéjiāng*), Jiangxi (江西, *jiāngxī*), Huguang (湖广, *húguǎng*), Sichuan (四川, *sìchuān*), Fujian (福建, *fújiàn*), Guangxi (广西, *guǎngxī*), Guizhou (贵州, *guìzhōu*), Yunnan (云南, *yúnnán*). Fazendo uma comparação, sabemos que *Cantão* correspondia a Huguang, *Cansi* a Guangxi, *Fuquem* a Fujian, *Chaqueão* a Zhejiang, *Xuteafim* a Zhili Norte (incluía o Xuteafim), *Chilim* a Zhili Sul, *Sanxi* a Shanxi, *Quichio* a Guizhou, *Fuquom* a Fujian, *Quinsi* a Jiangxi, *Uinam* a Yunnan, *Siquiam* a Sichuan, *Siensi* a Shaanxi. Perdoando os erros de pronúncia, faltaria as províncias de Henan e Shandong, para além do que o autor misturou “Xuteafim” e “Zhili Norte”. As restantes províncias têm os nomes mais ou menos certos.

Além deste, existem mais dois erros sobre outros assuntos na obra do padre português. O primeiro surge na parte inicial do capítulo II, *Em que se mostra que terra seja a China e os chinas que gente sejam*. Afirma-se ali que “a China é uma grande parte da Cífia, porque segundo diz Heródoto, a Cífia estende-se até a Índia.”¹³¹ Segundo o célebre livro *História* de Heródoto (c.484-c.435, historiador grego), o autor achava que a China fazia parte da Cífia. Contudo, a China é território de longa história

¹³⁰ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 107.

¹³¹ *Idem, Ibidem*, p. 79.

e não estava relacionada com a Cíxia. A Cíxia foi uma região na Eurásia habitada na antiguidade por um grupo de povos iranianos, falantes de línguas iranianas, conhecidos como citas.¹³²

Outro erro localiza-se no capítulo III. Recorrendo a informações facultadas por portugueses cativos, o autor diz que o rio Tana (que se situa no limite entre a Rússia e a Europa) delimitava a fronteira oeste da China durante o reinado de Jiaping¹³³, afirmação que é muito exagerada. Durante a governação de Jiaping, o território da China só chegava até Jiayuguan (嘉峪关, *jiāyùguān*), a primeira passagem no extremo oeste da Grande Muralha da China, perto da cidade de Jiayuguan, na província de Gansu, junto a Juyongguan (居庸关, *jūyōngguān*) e Shanhaiguan (山海关, *shānhǎiguān*), que é uma das principais passagens da Grande Muralha.

Outro lapso aparece no início do capítulo XXVII, *Dos ritos e adorações dos chineses, sobre a ignorância de Deus*: “Ainda que, como disse, alguns por algumas escrituras de antigos têm alguma notícia dos eclipses do Sol e Lua, mas não que haja disto estudos gerais”. Isto é totalmente falso. Na altura, existia já uma organização destinada especialmente a registar os eclipses e outros fenómenos astronómicos.¹³⁴ Na dinastia Qing, a última dinastia antes do estabelecimento da República Popular da China, já era possível prever e calcular os tempos do eclipse de sol.

Ele ainda diz que “o que mostra ser verdade não serem dados à contemplação das coisas naturais, nem haver entre eles estudos de filosofia natural, como alguns portugueses quiseram dizer que havia, movidos pelos estudos que sabiam que tinham, mas não sabiam serem de leis não de filosofia”.¹³⁵ A descrição do sistema de ensino chinês é igualmente falso, porque na mesma época, o célebre humanista Damião de Góis (1502-1574) escrevia que os chineses tinham “universidade, & colégios, em que aprendem Philosophia, Mathematicas, Astrologia, Artes liberaes, Medicina, & Theologia”, versão que está mais próxima da realidade.¹³⁶

¹³² Informações obtidas em <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADxia>, consultado no dia 5 de fevereiro de 2016.

¹³³ Cf. Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 87.

¹³⁴ Informações obtidas em <http://www.baikewiki.com/wiki/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E5%8F%A4%E4%BB%A3%E6%97%A5%E9%A3%9F%E8%A7%82%E6%B5%8B>, consultado no dia 11 de fevereiro de 2016.

¹³⁵ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 249.

¹³⁶ Cf. *Idem, Ibidem*.

\

Capítulo VII

Dificuldades para a Pregação Religiosa no Celeste Império

7.1 Circunstâncias que condicionaram a pregação religiosa

A China vivia sob um regime dinástico autoritário, com o povo perfeitamente condicionado para seguir o comando dos governantes que, regra geral, rejeitavam novas ideias, catalogando-as de imediato como heresias. Desde logo porque temiam que novos pensamentos/conceitos ameaçassem o seu domínio. Para além disso, na China estavam já enraizadas filosofias como o confucionismo ou o legalismo. Quando o imperador escolhia um pensamento ou filosofia como dominante, inibia ou suprimia os demais. Este contexto dificultou a difusão da religião ocidental, pois os governantes mantiveram grandes reservas em relação aos estrangeiros o que, obviamente, teve um impacto negativo no proselitismo católico. A somar às reticências dos governantes chineses, dificilmente o povo aceitaria uma nova religião, totalmente diferente e alheia à história e tradição chinesas.

Como oportunamente se referiu, o transporte marítimo/fluvial e a construção de navios estavam bastante evoluídos naquela época. Porém, sair da China e conhecer diferentes culturas era extremamente raro; só os negociantes do sul ou os funcionários diplomáticos tinham a oportunidade de contactarem com outros países. Sendo a China um país com uma longa história, uma civilização milenar¹³⁷, todos os chineses achavam, invariavelmente e independentemente da sua condição social, que o ocidente era atrasado.

No que respeita ao autor português, sem a certeza que lhe permitiria embrenhar-se no vasto território continental da China, foi obrigado a permanecer em Cantão durante dois meses: a curta estadia e a limitação espacial dificultaram a sua missão. Os registos e as observações cuidadosas resultantes desta viagem, vertidos no *Tratado das Coisas da China*, contribuíram enormemente para o estudo histórico da dinastia Ming e da amizade intercultural entre os dois países. Mas de facto, o objetivo central da viagem fracassou, apesar do esforço de Frei Gaspar. O próprio autor refletiu sobre as causas do insucesso missionário. Na introdução ao *Tratado*, Rui Manuel Loureiro, autor das notas explicativas e responsável pela modernização da linguagem

¹³⁷ No entanto, no final da dinastia Ming, a China regressou em todos os aspetos, em relação ao resto do mundo.

na edição utilizada na presente investigação, afirma: “Fr. Gaspar da Cruz não encontrou no litoral chinês melhores condições para a propagação da doutrina cristã. Por um lado, os portugueses não podiam ali permanecer por tempo indefinido, uma vez que as suas visitas eram cuidadosamente supervisionadas pelas autoridades. Assim, dificilmente se conseguiria desenvolver um trabalho apostólico sério e continuado. Por outro lado, a gente do povo vivia totalmente subjugada pelos loutiás ou mandarins, de modo que ninguém se atreveria a aceitar uma nova crença sem explícita licença dos funcionários superiores do governo provincial.”¹³⁸

Em resumo, o raio de ação do autor foi mesmo limitado pela falta de autorização para se deslocar a outras cidades, pela supervisão apertada das autoridades e pela atitude de oposição dos mandarins. O povo comum, educado segundo uma postura confucionista de obediência, nunca aceitaria uma nova crença sem aprovação oficial, ainda que uma nova corrente filosófica ou religiosa suscitasse a sua curiosidade.

O povo comum, educado segundo uma postura confucionista de obediência, nunca aceitaria uma nova crença sem aprovação oficial, mesmo que uma nova corrente filosófica ou religiosa suscitasse a sua curiosidade.

Para além das causas apontadas até este ponto, o processo de propagação religiosa registava muitas outras dificuldades, que se identificam na próxima alínea. No *Tratado*, o autor exprimiu a sua pena perante estas dificuldades impeditivas da sua missão. Alguns destes obstáculos estavam relacionados com a cultura e costumes chineses, pelo que não poderiam ser facilmente alterados.

Por outro lado, o autor achava possível converter os chineses, apontando-lhes várias características positivas: “os chins são polidos em extremo, sendo muito sensíveis a argumentos racionais. Além disso, eles estimam sobretudo ‘ho porco’, o que faz deles grandes inimigos do islamismo.”¹³⁹

7.2 Obstáculos à pregação religiosa na China

Como tivemos oportunidade de perceber, limitações práticas e causas psicológicas ditaram o insucesso missionário do autor. Na introdução da obra, fazem-se outras deduções sobre as dificuldades dos trabalhos apostólicos. “Em primeiro lugar,

¹³⁸ Rui Manuel Loureiro, *Introdução a Frei Gaspar da Cruz, Ob. Cit.*, p. 17.

¹³⁹ *Idem, Ibidem*, p. 51.

o respeito pelos mandarins é tal que os chineses só aceitarão converter-se com autorização expressa dos seus governantes”.

A segunda grande causa prendia-se com a limitação temporal e espacial da visita: “todos os estrangeiros estão proibidos de estanciar na terra, o que dificulta o trabalho continuado”.

Em terceiro lugar, os sacerdotes eram “geralmente ‘aborrecidos e desestimados pelos chineses’” que os consideravam “‘gente perdida e ociosa’ por não desenvolverem atividades produtivas.”¹⁴⁰ A diligência apresenta-se, na tradição cultural da China, como uma qualidade fundamental. No entanto, os missionários, por analogia aos sacerdotes e monges chineses, eram vistos como pessoas não produtivas, especialmente nas cidades do sul do país, onde os monges eram considerados pedintes.

No capítulo X, *Do aproveitamento da terra e ocupações dos homens*, constata-se perfeitamente a atitude negativa perante os padres, com descrições bastante pormenorizadas. “Faz ajuda muito a isto ser a gente ociosa nesta terra muito aborrecida e mui odiosa aos demais, e quem o não trabalhar não no comerá porque comumente não há quem dê esmola a pobre”. O autor faz também referência à diligência dos trabalhadores chineses. “Cada um trabalha de buscar vida e todos buscam diversos modos e maneiras de ganhar de comer e como sustentarem seus grandes gastos”. Acerca da atitude para com ele, afirma: “Os padres e seus sacerdotes dos seus ídolos comumente são aborrecidos e desestimados, pelos terem por gente perdida e ociosa”.¹⁴¹ Em suma, as impressões negativas dos cidadãos acerca dos padres impediam que a sua mensagem fosse ouvida.

Ao longo do *Tratado*, o nosso autor exprime muitas vezes a sua pena pelas limitações à divulgação da doutrina católica na China. Por exemplo, no capítulo XXVIII, *Dos mouros que há na China, e dos inconvenientes que há para se poder fazer cristandade dela*, aponta outros dois grandes obstáculos à difusão da fé cristã ali. “Um é não se consentir em nenhuma maneira na terra novidades... O segundo é que nenhuma pessoa estrangeira pode entrar na China nem estar em Cantão, e acabado o tempo da licença logo trabalham que se vão.”¹⁴² Para o padre, a única maneira de pregar livremente na China seria: “Havia todavia uma maneira com que se pudesse pregar livremente e se pudesse fazer fruto na terra, sem não ladrar a pregador, nem loutiálhe

¹⁴⁰ *Idem, Ibidem.*

¹⁴¹ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 141.

¹⁴² *Idem, Ibidem*, p. 259.

poder empecer por nenhuma via, que é se houvesse para licença d'el-rei. E poder-se-ia alcan çar se fosse mandada uma solene embaixada com solene presente a el-rei da China em nome d'el-rei de Portugal, indo com o embaixador padres que alcan çassem licen çã para andarem pela terra, mostrando serem homens sem armas.”¹⁴³

O autor defendia uma interven ção pol fica, que permitisse aos padres maior liberdade de circula ção na China, resolvendo assim o primeiro problema citado, a saber, as limita ções esp ácio-temporais dos pregadores. Restar-lhes-ia ainda assim ultrapassar a impress ão negativa dos chineses. Por fim, o autor expressa a sua frustra ção perante o insucesso da sua única oportunidade na China. “Este só remédio há para na China se poder fazer fruto, e outro nenhum não... E sem este é impossível poderem religiosos pregar nem frutificar. E porque eu não tinha este rem édio, tendo os sobreditos inconvenientes, por isso me vim da China, e por isso nem eu nem os da Companhia que cometeram já este negócio por vezes pudemos na China frutificar.”¹⁴⁴

A Companhia de Jesus tentara entrar em duas ocasi ões no Celeste Imp ério. Em 1555, o Padre Melchior Nunes Barreto, que se cruzou certamente com o nosso autor, tentara obter permiss ão das autoridades provinciais para deixar um dos seus confrades em Cant ão. Mas foi sobretudo a morte do padre Francisco Xavier, às portas da China, que contribuiu para fazer deste imp ério asi ático uma meta privilegiada entre os inacianos¹⁴⁵.

Francisco Xavier foi pioneiro e cofundador da Companhia de Jesus, mission ário cat ólico do padroado portugu ês e ap óstolo navarro. A Igreja Cat ólica Romana acredita que tenha convertido mais pessoas ao Cristianismo do que qualquer outro mission ário desde S. Paulo, merecendo o ep feto de "Ap óstolo do Oriente". Francisco Xavier exerceu a sua atividade mission ária no Oriente, especialmente na Índia portuguesa e no Jap ão. É o padroeiro dos mission ários, da Diocese de Registro (SP) e tamb ém um dos padroeiros da Diocese de Macau e copatrono de Navarra, juntamente com S ão Firmino de Amiens¹⁴⁶. Ou seja, o objetivo de propaga ção da fé crist ã de Frei Gaspar da Cruz foi finalmente executado por outra pessoa.

7.3 O potencial religioso dos chineses

¹⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 260.

¹⁴⁴ *Idem, Ibidem*, p. 260.

¹⁴⁵ Cf. *Idem, Ibidem*.

¹⁴⁶ Informações obtidas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier, consultado no dia 10 de fevereiro de 2016.

Apesar de muitas dificuldades na divulgação da fé, o contacto com os chineses durante esta estadia em Cantão levou o missionário a acreditar que os chineses poderiam ser convertidos ao cristianismo, por dois motivos fundamentais.

O primeiro aspeto é referido no capítulo XXVIII e diz respeito aos mouros. Existiam muitos muçulmanos na China mas, ainda assim, os chineses comiam carne de porco, ou seja, os seus hábitos alimentares eram uma barreira à expansão do Islão. Ora, um território ainda não afetado por outras religiões tem potencial para aceitar uma nova doutrina. Para além disso, os muçulmanos que viviam na China casavam-se com mulheres chinesas e os seus descendentes eram influenciados pelos hábitos da etnia Han: comiam carne de porco e bebiam vinho. Esta assimilação, do ponto de vista do autor, queria dizer: “Poderei, pressuposto todo o sobredito, ser arguido dalguns, que pois os chineses nada se afeiçoam à seita de Maomé, e têm tanto aparelho e disposição para receberem a fé de Cristo...”¹⁴⁷

Em segundo lugar, como o próprio autor explicou desde o altar, os chineses eram dotados de razão: “Mostrei-lhe[s] eu como eles eram melhores que as pedras, pois tinha uso de razão, pés e mãos e olhos com que faziam diversos ofícios que a pedra não podia fazer, e que pois eram melhores, não se haviam de abaixar e ter em tão pouco que adorassem tão vil, sendo eles tão nobres. Responderam-me que tinha muita razão, e saíram-se comigo acompanhando-me para fora, deixando ficar as pedras no chão. De maneira que achei neles estas mostras e aparelho para cristandade.”¹⁴⁸

Ainda que o autor necessitasse de recorrer a um intérprete para pregar aos chineses, a reação do povo foi mais positiva do que ele imaginara. “Como eu via muita gente, pregava-lhe, e folgavam muito de me ouvir e formavam perguntas no que duvidavam muito bem formadas. E, satisfeitos, diziam que o que eu dizia que era muito bom, mas que até àquele tempo não haviam tido quem lho dissesse.”¹⁴⁹

Na altura, como atualmente, existiam na China muitos ateus, pessoas que não professavam qualquer seita ou religião. Alguns observadores católicos ficaram entusiasmados com o aparente ateísmo dos chineses que, alegadamente, faria deles candidatos ideais à conversão. Este raciocínio levava em conta o facto dos outros povos monoteístas (judeus e muçulmanos) se revelarem bastantes avessos à cristianização¹⁵⁰.

¹⁴⁷ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 259.

¹⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p. 256.

¹⁴⁹ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 255.

¹⁵⁰ Cf. *Idem, Ibidem*.

Por isso, o padre achava que: “Há muito aparelho nesta gente desta terra para se converter à fé, assim por terem seus deuses e padres em pouca conta e estima.”¹⁵¹ De facto, as seitas chinesas ainda não se tinham desenvolvido como a religião católica, o povo não compreendia muito bem as doutrinas taoistas ou budistas, simplesmente imitava os outros, realizando oferendas perante ídolos de pedras para garantir boa sorte. Tratava-se de um comportamento simples, baseado na tradição, sem uma crença fortemente enraizada que o motivasse.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que, apesar das dificuldades na propagação da fé cristã na China, o potencial do povo chinês para aceitar a religião católica tornou-se uma linha de esperança para Frei Gaspar da Cruz.

¹⁵¹ *Idem, Ibidem.*

Conclusão

O *Tratado* regista todos os aspetos da vida dos chineses, mostrando o cotidiano do Império Celeste. A presente dissertação procurou analisar, de forma comparativa, sete aspetos do cotidiano chinês, no que respeita ao vestuário, alimentação, residência e transporte, abordando ainda outros aspetos de interesse e as circunstâncias sob as quais se tentava desenvolver o trabalho de pregação. Toda esta informação foi recolhida pelo próprio Frei Gaspar da Cruz, sendo os seus dados considerados credíveis (no penúltimo capítulo apontam-se alguns pequenos erros existentes no *Tratado*). O compilador comenta assim este *Tratado das Coisas da China*: “A obra de Fr. Gaspar não se destaca apenas pela riqueza do conteúdo, pelo rigor da informação e pela variedade das fontes utilizadas. O *Tratado* é atravessado do princípio ao fim por uma atitude de flagrante simpatia em relação às coisas chinesas.”¹⁵²

Durante o processo de redação da dissertação, consultei muitas fontes acerca da dinastia Ming e fiquei surpreendida porque a maior parte dos livros que descrevem o governo do imperador Jianjing, citam o nosso *Tratado* como prova histórica. Por exemplo, o livro «明代衣食住行 *míngdài yīshízhùxíng*, *As necessidades básicas da dinastia Ming*», de YI Yongwen (伊永文)¹⁵³, cita muitas frases do *Tratado*. Na página 162, quando se fala sobre os móveis da dinastia Ming, faz-se referência ao capítulo XIII *Dos trajos e usos dos homens*, da obra do padre português: “para cada convidado uma mesa muito linda e sua cadeira dourada ou prateada, e cada mesa tinha em frente um frontal de damasco atado chã. Nas mesas não havia toalhas nem guardanapos, assim porque as mesas são muito lindas, como porque comem tão limpamente que não têm necessidade destas coisas.”¹⁵⁴

Várias fontes da internet citam igualmente esta obra, o que é revelador da influência do *Tratado*, não só em Portugal, mas também na China, onde possui um valor muito elevado como referência histórica.

No primeiro capítulo desta investigação aludimos ao contexto histórico do autor e do Império Celeste sob o governo do imperador Jiajing. Introduzimos ainda a viagem do padre à China. Esta contextualização é do nosso ponto de vista, indispensável sempre que se analisa não só uma personagem ou a sua obra, mas também um assunto

¹⁵² Rui Manuel Loureiro, Introdução a Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 53.

¹⁵³ Da Editora Zhonghua Book Company, publicado em 2012.

¹⁵⁴ Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 165.

na história, possibilitando uma perspectiva mais justa e objetiva.

O segundo capítulo debruçou-se sobre o vestuário da dinastia Ming, descrevendo as vestes das mulheres, dos homens e dos mandarins. Apontamos três características aos trajes e à moda no regime Jiajing. Em primeiro lugar, através dos penteados das mulheres podia-se determinar se estas eram solteiras ou casadas, enquanto o tipo de penteado dos homens permitia deduzir a sua idade, sobretudo se já tinham atingido a idade adulta. Para além disso, vários acessórios denunciavam a classe social. Obviamente, os mais ricos usavam acessórios mais luxuosos, por exemplo, os materiais que prendiam os carrapitos das mulheres implicavam diferentes estratos sociais. Quanto aos mandarins, concluímos que vestiam trajes especiais enquanto trabalhavam e que os desenhos e forma de trajar mostravam a sua posição na corte. Em suma, através do aspeto das pessoas desta época, da forma de se enfeitarem e de trajarem, era possível obter muitas informações pessoais.

O capítulo seguinte foi o mais longo da dissertação, devido à longa história da alimentação chinesa e da importância que os chineses davam e continuam a dar à comida. Esta análise desenrola-se principalmente sobre o conteúdo do capítulo XII *Da fartura da terra e de sua abundância*, onde se mencionam as frutas exóticas, a gastronomia cotidiana e dos festivais e as principais diferenças na alimentação dos povos do sul e do norte da China. Os do sul preferem arroz enquanto os do norte privilegiam os trigos, nomeadamente nas massas. Ainda agora é assim, como podemos constatar na minha família. O meu avô materno costuma comer massa e o paterno prefere arroz. Quando fazem o contrário, ambos comentam "a massa (o arroz) não enche o estômago". Segundo o *Tratado*, este fenómeno não é casual, tendo origem na época da dinastia Ming ou ainda mais cedo.

Este capítulo aborda também o cerimonial e os costumes relacionados com a alimentação. Nesta época, a abundância de muitos e tentadores produtos motivaram uma mudança dos valores sociais. Iniciou-se assim uma sociedade caracterizada pelo consumo e a fruição de desejo, que perdurou no tempo. A atividade alimentar desenvolveu-se ainda mais porque as pessoas, incluindo o próprio imperador, consideravam os banquetes luxuosos e abundantes como um símbolo de poder e riqueza.

O quarto capítulo analisa o tipo de residência do povo e dos mandarins, fazendo referência às casas grandes dos arrabaldes, geralmente pertencentes às classes mais ricas. Tal como as roupas, as casas diferenciavam igualmente uma pessoa. Em relação à governação urbana, constatamos que o sistema da segurança se desenvolveu bastante

nesta dinastia, com uma rigorosa vigília noturna, para assegurar a segurança das localidades.

No quinto capítulo referem-se os diferentes meios de transporte, marítimos e terrestres, sendo o mais comum o barco ou o navio, para fins comuns ou militares. De facto, a expressão “barco da viagem noturna” (夜行船) surge muitas vezes nos romances ou obras literárias nesta época - existiriam já muitos guias e obras para instruir os viajantes.

O penúltimo capítulo reúne pequenos tópicos, nomeadamente a questão linguística (já que na cidade em que o autor permaneceu se fala cantonês ao invés de mandarim), alguns erros surgidos no *Tratado*, aludindo ainda às terríveis penas que se praticavam na dinastia Ming, como era o caso da punição nos troncos. Muitas destas questões eram desconhecidas para mim pois, como já se sublinhou, a história foi um instrumento oficial, influenciado pela política e registada pelo poder dominante. Assim, perdeu-se muita informação preciosa, a que o *Tratado* faz referência.

No sétimo e último capítulo, dá-se conta das circunstâncias sob as quais se tentou pregar o catolicismo na China, sendo esse o maior objetivo da viagem e tendo fracassado, pelo menos naquele momento. O autor manifestou o seu desapontamento por não conseguir difundir a sua fé; ele conseguiu avaliar muitos aspetos da sociedade chinesa em geral, uma sociedade que nada sabia da sua religião. Como o compilador afirma na Introdução, “Enfim, a China é apresentada aos leitores da obra como um verdadeiro modelo civilizacional, digno da maior admiração e interesse, que apenas é manchado pelo facto dos chineses viverem na ‘ignorância da verdade’, totalmente apartados da ‘fé de Cristo’.”¹⁵⁵

No último capítulo sintetizam-se também os pontos positivos e negativos que facilitarão ou, pelo contrário, dificultarão a pregação entre os povos chineses.

Enumerem-se os positivos. Os chineses eram amigáveis e racionais (o autor afirma que o agasalharam muito bem). Os seus hábitos alimentares afastavam-nos dos muçulmanos espalhados pelo sul da China que, gradualmente, se casavam com mulheres da etnia Han (汉族, *hànzú*) e perdiam os traços mais islâmicos. O autor acreditava que os chineses não tinham qualquer interesse no Islão ou no Judaísmo, sendo este um território virgem para difundir a doutrina cristã. Finalmente, a sua experiência de pregação nas ruas e nos altares, convenceu Frei Gaspar que os chineses

¹⁵⁵ Rui Manuel Loureiro, Introdução a Frei Gaspar da Cruz, *Ob. Cit.*, p. 53.

não eram firmes nas suas práticas religiosas/ritualísticas, tendo grande potencial para aceitar a religião católica.

Quanto aos obstáculos, conclui-se que esta era uma etnia tradicionalmente muito diligente, que odiava os preguiçosos, os pedintes e a gente ociosa e, do seu ponto de vista, os religiosos eram todos ociosos, pelo que nutriam algum preconceito em relação aos padres. Para além disso, o povo era extremamente obediente aos governantes e, sem uma autorização dos mandarins, não ousariam aceitar uma nova religião. Por fim, a falta de autorização para viajar para outras cidades e a curta duração da estadia foram talvez as maiores dificuldades que Frei Gaspar enfrentou na sua missão.

Através desta obra-prima, fiquei a saber mais sobre a China da época da dinastia Ming, incluindo vários pormenores não registados na história chinesa. É surpreendente que o autor tenha escrito uma obra tão detalhada e ilustre a partir de uma experiência de apenas dois meses, o que terá sido possível apenas graças ao seu entusiasmo e curiosidade, bem como à diligência e ao desejo urgente de cumprir o seu trabalho apostólico. A análise comparativa realizada permitiu-me compreender melhor essa dinastia e as comunicações interculturais sino-portuguesas.

O autor, Frei Gaspar da Cruz, foi um pioneiro na ligação cultural destes dois países, o entusiasmo em relação ao seu trabalho e a curiosidade acerca da cultura de outro país constituem um exemplo. A minha missão - aprender português - é bem mais fácil do que difundir a fé católica na China durante a dinastia Ming. Estou feliz pela oportunidade de vir a Portugal e espero aproveitar bem este período para compreender melhor este país e a sua cultura, construindo uma boa base para o trabalho futuro que deverá estar relacionado com a ligação entre estes dois países.

Quero concluir reiterando o facto de que é possível aprender mais sobre a dinastia Ming e as primeiras comunicações culturais Portugal-China sob a perspectiva de um dominicano português, do que através da história oficial chinesa. Sendo estudante do mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês*, entendo que a amizade entre ambos os países deve ser a melhor ligação para o nosso futuro em comum. Redobremos os nossos esforços nesse sentido, aproximando duas nações tão distantes mas com ligações tão remotas.

Bibliografia

1. BOXER, C.R., *A Cidade de Macau e a Queda da Dinastia Ming 1644-1652*, Escola Tip. Do Orfanato, Macau, 1938.
2. CAO Wenzhu 曹文柱, GONG Shuduo 龚书铎, ZHU Hanguo 朱汉国, «中国社会通史 (zhōngguó shèhuì tōngshǐ)», *História Social da China*», Editora Educação de Shanxi, Shanxi, 1996.
3. CASTRO, Joaquim Magalhães, *Oriente Distante*, Editora Oficina do Livro, Alfragide, 2012.
4. CHEN Baoliang 陈宝良, «中国明代通史: 明代卷 (zhōngguó míngdài tōngshǐ)», *A História Geral da Dinastia Ming*», Editora Literatura e Arte de Shanghai, Shanghai, 2005.
5. CRUZ, Frei Gaspar da, *Tratado das Coisas da China (Évora, 1569-1570)*, Biblioteca Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1997.
6. CRUZ, Frei Gaspar da, «南明行纪 (nánmíng xíngjì)», *A Viagem do Sul da China na Dinastia Ming*», Editora Trabalhadores da China, Pequim, 2000.
7. DANG Nian Mingyue 当年明月, «明朝那些事儿 (míngcháo nàxiē shì'èr)», *As Coisas da Dinastia Ming*», Editora Povo de ZheJiang, ZheJiang, 2011.
8. DONG Jin 董进, «大明衣冠图志 (dà míng yī guān tú zhì)», *O Vestido Pictórico da Dinastia Ming*», Editora de Pequim Universidade dos Correios e Telecomunicações, Pequim, 2011.
9. GAO Yang 高阳, «明朝的皇帝 (míngcháo de huángdì)», *Os Imperadores da Dinastia Ming*», Editora da Universidade Normal de Guangxi, Guilin, 2006.
10. GAO Yiqing 高毅清, ZHANG Weiqing 张维青, «中国文化史 (zhōngguó wénhuà shǐ)», *A História da Cultura Chinesa*», Editora Povo de Shandong, Shandong, 2002.
11. GU Cheng 顾城, «南明史 (nánmíng shǐ)», *História do Sul da China na Dinastia Ming*», Editora do Diário de Guangming, Pequim, 2011.
12. HU Fan 胡凡, «嘉靖传 (jiājìng zhuàn)», *Biografia de Jiājìng*», Editora Povo, Pequim, 2004.
13. KU Xiang 苦乡, «嘉靖与严嵩 (jiājìng yǔ yánsōng)», *Jiājìng e Yan Song*», Editora

- Universidade de Zhejiang, Hangzhou, 2011.
14. LI Dongfang 黎东方, «细说东方 (xìshuō dōngfāng), *Elabora ção do Oriente*», Editora Comercial, Pequim, 2015.
 15. LIANG Sicheng 梁思成, «中国建筑史 (zhōngguó jiànzhùshǐ), *A História da Arquitetura da China*», Editora Literatura e Arte das Flores, Pequim, 2005.
 16. LIU Zhiqing 刘志晴, «明代饮食文化与文化思潮 (míngdài yǐnshí wénhuà yǔ wénhuà sīcháo), *A Cultura Alimentar e as Conce ções da Dinastia Ming*», Pequim, 1999.
 17. LOUREIRO, Rui Manuel, *A China na cultura portuguesa do século XVI – Not ícias, imagens, viv ências* (tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 1994.
 18. LOUREIRO, Rui Manuel, *Fidalgos, Mission ários e Mandarins*, Editor Funda ção Oriente, Lisboa, 2000.
 19. PAN Wang 潘望, WANG Haizhou 王海洲, «郑和的时代 (zhèng hé de shí à), *A Época em que Zheng He Vivia*», Editora Guwuxuan, 2005.
 20. PEREIRA, Galeote e CRUZ, Gaspar da, *Primeiros escritores portugueses sobre a China*, Publica ções Alfa, Lisboa, 1989.
 21. WU Han 吴晗, «明朝三百年 (míngcháo sānǎinián), *Os Trezentos Anos da Dinastia Ming*», Empresa da Publica ção da Cultura Internacional, Pequim, 2011.
 22. XIE Guian 谢贵安, «明实录研究 (míngshílù yánjiū), *Estudo de Imperador do registro da dinastia Ming*», Editora Povos de Hubei, Wuhan, 2003.
 23. XU Jijun 徐吉君, YAO Weijun 姚伟钧, «二十世纪中国饮食史研究概述 (èrshí jì zhōngguó yǐnshí gǎishù), *A Vis ão Geral da História da Dieta Chinesa do S éculo XX*», 2006.
 24. XU Wenyuan 徐文苑, «中国饮食文化概论 (zhōngguó yǐnshí wénhuà g ài lùn), *A Introdu ção à Cultura Alimentar Chinesa*», Editora da Universidade de QingHua, Pequim, 2015.
 25. YANG Manxin 杨漫欣, «郑和 (Zh èng Hé), *Zheng He*», Publica ções de Singapore da Ásia, Singapore, 2004.
 26. YAO Xiaoqing 姚晓晴, «试析明初对外政策 (shì xī míngchū duì w ài zh èngcè), *A*

Análise das Políticas Externas do Início da Dinastia Ming», 2015.

27. YI Yongwen 伊永文, «明代衣食住行 (míngdài yīshízhùxíng), *As Necessidades Básicas da Dinastia Ming*», Editora da Empresa dos Livros da China, Pequim, 2012.
28. ZENG Dezhao 曾德昭, «大中国志 (dà zhōngguózhì), *Relação Da Grande Monarquia Da China*», Editora Livros Antigos de Shanghai, Shanghai, 1998.
29. ZHANG Xiaoyan 张晓燕, SUN Liang 孙亮, «养生健身 (yǎngshēng jiànshēn), *A Saúde e a Ginástica*», Editora Amizade de Shandong, Shandong, 2000.
30. ZHANG Yanyu 张廷玉, «明史 (míngshǐ), *História da Dinastia Ming*», Editora da Empresa Livros da China, Pequim, 1974.
31. ZHAO Botian 赵柏田, «明朝四季 (míngcháo sìjì), *Quatro Estações da Dinastia Ming*», Editora Estrela Nova, Pequim, 2011.

Web Links

1. https://en.wikipedia.org/wiki/China%E2%80%93Portugal_relations
2. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaspar_da_Cruz
3. <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1044>
4. https://pt.wikipedia.org/wiki/Descobrimientos_portugueses
5. http://blog.sina.com.cn/s/blog_5f055e4d0102uw9d.html
6. <http://blog.udn.com/amlink/25976072>
7. <http://baike.baidu.com/link?url=ixP1Ta3MNsHfE1IEk471k17w5O600kayAiepaW9SWPvzxUDroEbwcFT4LVbfysIYt9tYhLN1qg4i9MoFj27InxDIxS4VW4ETgYxGJtRcNp>
8. <http://economy.guoxue.com/?p=7414>
9. <http://bbs.news.163.com/bbs/history/120816809.html>
10. <https://zh.wikipedia.org/wiki/%E6%98%8E%E4%B8%96%E5%AE%97>
11. <http://www.todayonhistory.com/1/23/JiaJingDaDiZhen.html>,
12. http://baike.baidu.com/link?url=G_hW7K8PJPV5brCFgdKIo7XpWJVbCdMkjKitaQJ84bBtg11KryJtCE9tQuIvLh-SE_KqsXuK7SaXuYVZuMhCVK,
13. <http://culture.people.com.cn/GB/87423/6792706.html>
14. <http://page.renren.com/600940121/channel-noteshow-871414470>
15. <http://tieba.baidu.com/p/559137520>
16. <http://baike.baidu.com/view/564950.htm>
17. <http://foxue.baik.com/article-20734.html>
18. <http://mingchao.baik.com/article-112264.html>
19. https://books.google.pt/books?id=a_mDvio8I80C&pg=PA299&lpg=PA299&dq=%E6%98%8E%E6%9C%9D%E5%88%B6%E9%9E%8B&source=bl&ots=0vMNGy6fKx&sig=6HqdMw8D7RzuPir2OL5o08-3LPw&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjI0d6i_srKAhXD2BoKHVQzBRoQ6AEINjAD#v=onepage&q=%E6%98%8E%E6%9C%9D%E5%88%B6%E9%9E%8B&f=false
20. <http://m.xmcdw.com/cwh/cdwh/128.html>
21. <http://agri-history.ihns.ac.cn/scholars/liuzhiqin1.htm>
22. http://wenku.baidu.com/link?url=4zPNGxFEFgQFqXfp1NqmexQGiXpIQq4UCSLUozfKPAjVwaEJiniFDBmi_UWAdqxpAtDhkJG12eiFHjOwbuvKdrf_SpdktRORrpAQxjCJ_OK,
23. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ameixeira>
24. https://pt.wikipedia.org/wiki/Citrus_japonica,
25. http://wenku.baidu.com/link?url=4zPNGxFEFgQFqXfp1NqmexQGiXpIQq4UCSLUozfKPAjVwaEJiniFDBmi_UWAdqxpAtDhkJG12eiFHjOwbuvKdrf_SpdktRORrpAQxjCJ_OK
26. http://www.360doc.com/content/15/0109/18/3966739_439469429.shtml
27. https://pt.wikipedia.org/wiki/Zheng_He
28. https://en.wikipedia.org/wiki/Treasure_voyages
29. <https://www.zhihu.com/question/20206608>,
30. <http://www.baik.com/wiki/%E9%9D%92%E7%99%BD%E7%93%B7>
31. http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/10b_-_porcelana_chinesa_na_europa_e_sua_tecnologia.pdf

32. https://en.wikipedia.org/wiki/Jingdezhen_ware
33. <http://www.ltkzc.com/Newsread@ID=30.asp>
34. <http://www.zhihu.com/question/21301732>
35. <http://www.xzbu.com/4/view-3867204.htm>,
36. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Java>
37. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Junco_\(barco\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Junco_(barco)),
38. <http://zt.tibet.cn/zt/zt2002002612141314.htm>
39. http://wap.tiexue.net/3g/thread_3143130_1.html
40. http://bbs.tiexue.net/post_3443512_1.html
41. http://bbs.tiexue.net/post_3443512_1.html,
42. https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_por_mil_cortes
43. https://pt.wikipedia.org/wiki/Arroz_chau_chau
44. <http://bbs.tianya.cn/m/post-free-2300947-1.shtm>
45. <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtia>
46. <http://www.baikē.com/wiki/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E5%8F%A4%E4%BB%A3%E6%97%A5%E9%A3%9F%E8%A7%82%E6%B5%8B>,
47. https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier